

Vivências dos Acadêmicos de Enfermagem nas Práticas Educativas que Permeiam a Educação Básica

**Franciele Foschiera Camboin
(Organizadora)**



Franciele Foschiera Camboin
organizadora

VIVÊNCIAS DOS ACADÊMICOS
DE ENFERMAGEM NAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS QUE PERMEIAM
A EDUCAÇÃO BÁSICA

EDITORA CRV
Curitiba - Brasil
2013

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Railson Moura

Diagramação e Capa: Editora CRV

Revisão: Os Autores

Apoio Financeiro: O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

Realização: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/Unioeste
Rua Universitária, 1619 - Jardim Universitário - CEP 85819-100 - Cascavel-PR

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)	Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (URI)
Prof. Dr. Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)	Prof.ª. Dr.ª. Lourdes Helena da Silva (UFV)
Prof. Dr. Carlos Frederico Dominguez Avila (UNIEURO - DF)	Prof.ª. Dr.ª. Josania Portela (UFPI)
Prof.ª. Dr.ª. Carmen Tereza Velanga (UNIR)	Prof.ª. Dr.ª. Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Prof. Dr. Celso Conti (UFSCar)	Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL - MG)
Prof.ª. Dr.ª. Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)	Prof.ª. Dr.ª. Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)	Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)	Prof.ª. Dr.ª. Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Prof. Dr. Joao Adalberto Campato Junior (FAP - SP)	Prof.ª. Dr.ª. Sydione Santos (UEPG PR)
Prof. Dr. Jailson Alves dos Santos (UFRJ)	Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
	Prof.ª. Dr.ª. Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V46

Vivências dos acadêmicos de enfermagem nas práticas educativas que permeiam a educação básica / organização Franciele Foschiera. - 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2013.

72p.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-8042-826-1

1. Enfermagem - Estudo e ensino. 2. Enfermagem - Orientação profissional. 3. Ensino fundamental - Brasil. 4. Enfermagem - Aspectos sociais. I. Foschiera, Franciele.

13-04395 CDD: 610.730981

CDU: 616-083(81)

22/08/2013 23/08/2013

2013

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização dos autores
Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004.

Todos os direitos desta edição reservados pela:

Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracr.com.br

E-mail: sac@editoracr.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES SUPERVISORES.....	9
<i>Abenilde de Mello, Linamari Ferreira, Edileuza Ferreira, Franciele Foschiera Camboin, Rosa Maria Rodrigues</i>	
PERFIL DOS DISCENTES DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ	19
<i>Ana Paula Dias, Franciele Foschiera Camboin, Gabriela Seimetz, Linamari Ferreira, Pecy Mary de Almeida Lopes, Rosa Maria Rodrigues</i>	
PRÁTICA EDUCATIVA COM ALUNOS DO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM PARA A PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO	31
<i>Adriana Staziaki Kovalski, Daniela Patrícia Tres, Franciele Foschiera Camboin, Linamari Ferreira, Rosa Maria Rodrigues</i>	
EDUCAÇÃO CONTINUADA PARA AGENTES EDUCACIONAIS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ	39
<i>Franciele Foschiera Camboin, Linamari Ferreira, Andressa Larissa Dias Müller de Souza, Flávia Boaretto, Caroline Berté, Ana Paula Dias, Érica Rosa da Silva Zanini, Katiane Mazetto Zini</i>	
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NOS ÚLTIMOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO OESTE DO PARANÁ	49
<i>Abenilde Silmara de Mello, Andressa Larissa Dias Müller de Souza, Carolina Berté, Daisy Rodrigues, Érica Rosa da Silva Zanini, Edileuza Ferreira, Flávia Boaretto, Franciele Foschiera Camboin, Gabriela Seimetz, Giovana Guedes, Jolana Cristina Cavalheiri, Pecy Mary de Almeida Lopes</i>	
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO ENSINO INTEGRADO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ	59
<i>Amanda Araldi, Ana Paula Dias, Érica Rosa da Silva Zanini, Franciele Foschiera Camboin, Jaqueline Nunes Fernandes, Juliana Nunes Fernandes, Katiane Mazetto Zini, Linamari Ferreira, Rosa Maria Rodrigues</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	69



APRESENTAÇÃO

No ano de 2011 a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) sediou o Programa de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) que abarcou os licenciandos do curso de enfermagem propondo projetos e ações dentro da educação básica visando a melhoria da qualidade do ensino nas escolas públicas.

A decisão de participar do processo de seleção do PIBID 2011 foi coletivamente acordada na área de licenciatura do curso de enfermagem e apoiada pelo Colegiado do Curso. A proposta envolveu duas escolas sendo que em uma os pibidianos realizaram atividades no ensino fundamental e em outra as atividades aconteceram na educação profissional.

A escola de educação profissional escolhida é a única escola pública de formação técnica em enfermagem do município. Ela tem em andamento, seis turmas do curso técnico em enfermagem, sendo dois no período da manhã e quatro no período noturno. Esta escola possui convênio com a UNIOESTE e é campo de estágio do curso de enfermagem desde 2007 contribuindo com a formação do licenciado em enfermagem.

Quanto a escola Marilis Faria Piroteli, é uma escola que já possuía em andamento um subprojeto de iniciação a docência do curso de Matemática, recebeu os licenciandos nas séries da educação fundamental e acolheu esta proposta positivamente.

A iniciação à docência possui também a conotação de para além de formar cidadão críticos-reflexivos, formar licenciados com habilidades e competências capazes de lidar com conflito, decepções e desafios do cotidiano da escola fazendo com que os bolsistas não se posicionem apenas como observadores e coparticipantes, mas se percebam como professores de escolas públicas, buscando novos caminhos, recursos e soluções para os problemas vivenciados e, neste sentido, elevando a qualidade da formação inicial de professores, promovendo a integração entre a Educação Superior e a Educação Básica.

As questões de saúde apesar de estarem presentes nas matrizes curriculares da educação fundamental são trabalhadas pelos professores com certo receio e/ou dificuldade, apontando um vácuo de abordagem que deve ser retomado nas escolas, pois problemas como gravidez na adolescência, uso e abuso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis são cada vez mais visualizados no cotidiano da escola.

Acreditamos que a presença do licenciando em enfermagem no ambiente escolar possibilitou a articulação da prática educativa na formação do enfermeiro, tornado possível a troca de competências e habilidades com os professores da educação fundamental nos assuntos ou temas relacionados a área da saúde que permeiam a formação do cidadão e com o professor do ensino técnico com as atividades de educação continuada e nas disciplinas específicas do curso técnico em enfermagem.

Estes textos aqui apresentados tiveram a pretensão de relatar a oportunidade dos pibidianos quanto ao contato com o ambiente escolar potencializando as ati-

vidades de prática de ensino, e ambientando-os para desenvolver inúmeras ações educativas que permeiam as atividades docentes realizadas em sala de aula.

O primeiro capítulo tratou da experiência vivenciada na participação do PIBID pelos professores supervisores das escolas ilustrando quais as atividades foram desenvolvidas e em que medida puderam colaborar na formação de futuros professores. Quanto ao segundo capítulo, tratou dos resultados de um projeto de pesquisa realizado na escola de nível técnico e teve como objetivo traçar o perfil dos alunos do ensino técnico.

O terceiro capítulo compreende o relato de experiência de prática educativa para o trânsito que foi desenvolvida na escola de nível técnico em forma de oficinas e resultou em um vídeo.

No quarto capítulo foi apresentada a vivência de uma atividade de educação continuada realizada com funcionários da escola técnica. Já o quinto e o sexto capítulo foram relatadas as experiências vivenciadas em práticas educativas na escola de ensino fundamental e técnico, de acordo com as necessidades apresentadas pela direção, equipe pedagógica, professores e alunos, com questões relacionadas a saúde como: gravidez na adolescência; alimentação; violência escolar; imunizações; trânsito dentre outros temas da saúde.

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES SUPERVISORES

*Abenilde de Mello
Linamari Ferreira
Edileuza Ferreira
Franciele Foschiera Camboin
Rosa Maria Rodrigues*

Introdução

O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

A proposta do PIBID é inserir os acadêmicos no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da IES proponente e de um professor da escola, apoiando a formação de estudantes dos cursos de licenciatura envolvidos, assim contribuindo para melhorar a qualidade da educação básica nas escolas públicas, contribuindo para a valorização do magistério (BRASIL, 2013).

Assim, o subprojeto de enfermagem do PIBID da UNIOESTE teve início no mês de julho de 2011, tendo como escolas parceiras o Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (CEEP) e o Colégio Marilis Faria Pirotelli.

Os participantes do subprojeto, acadêmicos, professores supervisores e coordenadores de área envolvidos iniciaram suas atividades com a realização de reuniões semanais nas escolas em conjunto com coordenadores, diretores, equipe pedagógica e viabilizaram a realização de projetos de pesquisa e ensino que contribuíram para o crescimento pedagógico dos acadêmicos e dos docentes, bem como buscaram dados para fomentar a formação dos técnicos em enfermagem.

Acredita-se que o professor supervisor nas escolas tenha possibilitado a proposição de sugestões e auxílios para as aulas, como afirma Ferreira; Reali (2004), o professor supervisor aparece como um mentor que ao longo de toda a disciplina ofereceu sugestões e estratégias de ensino, promovendo reflexões sobre as aulas e dando subsídio aos acadêmicos que desenvolveram atividades pedagógicas nas disciplinas de Processo Saúde e Doença e na disciplina de Vigilância em Saúde do curso Técnico em Enfermagem e na disciplina de Ciências no Ensino Fundamental.

Objetivo

Apresentar as atividades desenvolvidas por bolsistas do PIBID em parceria entre a UNIOESTE e duas escolas públicas da Cidade de Cascavel, Paraná, através da descrição das práticas educativas realizadas no ambiente escolar, com docentes discentes e funcionários pelos bolsistas do PIBID.

Metodologia

Inicialmente foram divididos os alunos bolsistas em dois grupos, assim 6 alunos desenvolveram atividades no CEEP com um professor supervisor e 8 alunos ficaram no Colégio Marilis, este número de alunos não foi dividido de forma igualitária devido a dificuldade de alguns dos integrantes entre os alunos bolsistas de participar em atividades no período noturno. No segundo ano houve uma troca entre os alunos para que tivessem vivência nos dois ambientes escolares.

A inserção dos alunos no CEEP a princípio foi na disciplina de Enfermagem em Vigilância em Saúde do 4º semestre do Curso Técnico em Enfermagem, e os mesmos ficaram responsáveis por projetos que foram desenvolvidos no decorrer do período.

A inserção no Colégio Marilis Faria de Pirotelli ocorreu na disciplina de Ciências no 6º, 7º e 8º anos.

Resultados

Durante as reuniões na UNIOESTE foram realizadas leituras do Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas parceiras, os quais serviram de base para o planejamento das atividades. Antes da discussão do PPP, fez-se a discussão de textos sobre educação em saúde para permear as atividades que seriam desenvolvidas nas escolas.

A lei 9.394/96 no inciso I do Artigo 12 estabelece que, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica: o Projeto Político Pedagógico (PPP). (BRASIL, 2011)

Por meio da leitura do PPP obtivemos esclarecimento sobre o sistema de ensino e a importância do conhecimento do referido documento.

Na escola de ensino profissionalizante (CEEP), os alunos primeiramente se ambientaram as suas dependências, recursos e dinâmica de funcionamento. Após este processo os alunos foram inseridos nas atividades propriamente pedagógicas em disciplinas ministradas pelo professor supervisor, experienciando a vivência docente por meio da observação e coparticipação nas disciplinas de Vigilância em Saúde, Processo Saúde e Doença.

Além dessas atividades que se caracterizam por práticas inerentes a atuação docente em sala de aula, os alunos e a supervisora da escola construíram, desenvolveram e avaliaram uma proposta de educação continuada direcionada aos agentes

educacionais I (zeladores, vigias, porteiros, cozinheiras). Esta atividade foi positivamente avaliada, o que pode ser percebido pela aceitação e envolvimento dos servidores na sua realização e da solicitação de que houvesse continuidade deste tipo de atividade no ano seguinte.

Foram realizadas duas atividades de educação continuada para a equipe de agentes educacionais I. Uma delas aconteceu no horário de 19 às 21 horas, de outubro de 2011 a abril de 2012 perfazendo um total de 18 horas. Dela participaram 11 servidoras da instituição.

Já na segunda atividade da mesma natureza direcionada aos agentes educacionais I ocorreu no período vespertino no horário 14 às 15h30m, no mês de setembro e outubro de 2012, com carga horária de 18 horas com a participação de 9 servidores.

As aulas foram expositivas e dialogadas, organizadas em 5 módulos lançando mão de materiais didáticos como cartilhas e recursos audiovisuais confeccionados em slides. Os temas abordados foram: Trabalho em Equipe; Qualidade de Vida; Riscos Físicos e Biológicos; Lesão por Esforço Repetitivo/Doenças osteomusculares (LER/DORT); Mecânica Corporal Medidas de Segurança; Prevenção de Quedas; Equipamentos de proteção individual; Gerenciamento de Resíduos; Assédio Moral; Diversidades Sexuais.

Outra atividade desenvolvida situou-se na dimensão da pesquisa quando se elaborou e desenvolveu um projeto de pesquisa intitulado: “Conhecendo o ensino técnico em enfermagem de uma escola pública da região Oeste do Paraná”, que traçou o perfil dos professores e alunos do CEEP. Este projeto foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

A estratégia de coleta de dados aplicada foi a entrevista, através de questionários aplicados a alunos e professores, após as quais, os dados foram condensados, analisados e discutidos.

O estudo buscou compreender os motivos que levam o aluno a procurar o curso e as expectativas dos mesmos no primeiro semestre; traçar um perfil dos alunos já formados pelo curso. A condensação de dados foi realizada sobre o perfil dos alunos no curso técnico em enfermagem, assim foi feita a análise descritiva dos dados e o resultado desta pesquisa está descrita no segundo capítulo desse livro.

Por meio de observação das diretrizes do curso técnico e discussão do projeto político pedagógico observou-se que apesar dos temas transversais estarem presentes na matriz curricular da escola, o assunto prevenção de acidentes de trânsito não é explicitado, viu-se assim a necessidade de orientar os educandos sobre essa temática importante, devido ao número de acidentes que ocorrem em Cascavel e região.

Esta demanda foi atendida através do desenvolvimento, no curso técnico em enfermagem, de uma prática educativa com a temática: “Prevenção de acidentes no trânsito”. A atividade foi direcionada aos alunos do 4º semestre do curso técnico em Enfermagem.

As atividades de educação em saúde ocorreram na forma de oficinas, sendo que estas aconteceram durante a última aula de cada terça-feira. Os temas propostos foram divididos em três modalidades: Imprudências ao dirigir sob efeito de drogas

lícitas e ilícitas; condições estressantes envolvendo com pedestres e condutores; cinematográfica do trauma e noções de primeiros socorros. As oficinas realizadas alicerçaram-se na exposição verbal e não verbal tendo como recursos a utilização de instrumentos audiovisuais (uso de multimídia, TV pendrive), *folders*, vídeos educativos.

Ao final do projeto foram gravadas entrevistas com os alunos, com depoimentos através de um roteiro de questionamentos sistematizados sobre os acidentes de trânsito que foram editadas e geraram um vídeo.

Outra atividade realizada foram as oficinas com temas de saúde em dois momentos com os cursos profissionalizantes da modalidade integrado. Sendo abordados os seguintes temas: bullying, sexualidade, gravidez na adolescência, drogas e alimentação saudável.

As oficinas ocorreram com os alunos do curso técnico de nível médio na modalidade integrado com os alunos do 10 ano do curso meio ambiente, administração, informática e 20 ano de eletrônica, informática, contemplando 140 alunos.

Quanto ao segundo momento em que as oficinas foram realizadas, contemplaram os dias 10 e 11/09, 22 e 29/10 e 05/11/2012 ocorreram com os alunos do curso técnico de nível médio na modalidade integrado onde foram realizados seminários com os alunos do primeiro ano do curso de meio ambiente, administração, informática e segundo ano de eletrônica, totalizando 121 alunos.

Além dos projetos desenvolvidos, os alunos também desenvolveram atividades em disciplinas do curso de enfermagem. Assim, na disciplina de Vigilância em Saúde as acadêmicas participaram das aulas teóricas e práticas em que fizeram coparticipação e participação nos conteúdos de Políticas de Saúde, atualização do calendário vacinal e sistemas de informação em epidemiologia auxiliando na atividade de confecção do relatório em sala de vacina, preenchimento de fichas de notificação compulsória de diversas patologias. Os pibidianos também participaram da elaboração de seminário com os alunos sobre os temas de sistemas de Informações em Epidemiologia, fontes de dados utilizados em epidemiologia e atividades desenvolvidas em sala sobre planejamento familiar.

Quanto às coparticipações, participaram nos temas: Educação em Saúde; Tabagismo; Prática sobre Preventivo do Câncer, Hipertensão e Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN), Educação em Saúde (esta atividade foi realizada em forma de seminário em que todos os alunos apresentaram um tema que já estava pré-estabelecido pelas acadêmicas e discutiram sobre o texto em forma de diálogo em duplas). O total de alunos participantes nesta disciplina foi de 36 alunos, os mesmos tiveram um bom aprendizado com a explanação das acadêmicas, resultado este observado por meio do resultado de avaliações realizadas.

Na disciplina de Processo Saúde e Doença do primeiro semestre do curso técnico em enfermagem realizaram a coparticipação no ano de 2012, com os temas: parasitologia. Dentro do qual as alunas abordaram os protozoários (Leishmaniose, chagas, trichomonas vaginalis, giardíase, malária, amebíase, toxoplasmose), helmintos (esquistossomose, ascaridíase, ancilostomíase, enterobíase, estrogiloidíase, teníase), artrópodes (pediculose e escabiose). Os temas faziam parte da ementa da disciplina que foi trabalhada com os alunos no segundo bimestre do ano de 2012.

As aulas foram ministradas através da exposição dialogada com auxílio de projetor multimídia, textos explicativos e confecção de maquetes e folders pelos alunos do curso técnico e os PIBIDianos sobre os parasitas que estavam sendo estudados em sala.

A estratégia de construção de maquetes, pode ser um bom recurso didático pedagógico para abordar temas ou conceitos abstratos ou estruturas que não podem ser visualizadas a olho nu, como é o caso do ciclo biológico dos parasitas que deveriam ser estudados.

De acordo com Rossi (2008),

[...] a busca de novas formas de representação desses seres, que não fujam completamente da realidade, mas que construam imagens alegóricas dos organismos é de grande importância durante o aprendizado inicial [...]. Tendo o aluno uma concepção inicial formada a respeito desses organismos e doenças, o seu aprendizado mais aprofundado certamente será facilitado, uma vez que o que ele terá em mente não será uma imagem distorcida e confusa, e sim algo dentro de sua realidade (ROSSI, 2008, p. 13).

Assim, acredita-se que aprender a confeccionar e melhorar a qualidade dos materiais didáticos elaborados beneficiam não somente a formação dos bolsistas, mas torna a ação educativa mais eficiente.

No ano de 2011 ocorreu a participação do PIBID na Expoceep na qual os alunos participaram através da exposição sobre tabagismo, utilizando uma boneca que simula os efeitos do tabaco sobre o sistema respiratório (emprestada pelo Laboratório de enfermagem da UNIOESTE). Este simulador permite esclarecer sobre os resíduos do cigarro que ficam presos em um tubo de ensaio formando a coloração preta exemplificando o depósito de substâncias nocivas nos pulmões.

Utilizando a boneca que fuma, foram explicados os efeitos do tabaco no organismo citando sobre cigarro, narguilé, charuto, fumo de rapé e outros. Quais são os componentes tóxicos presentes nessas fontes de tabaco. Consequências que acontecem na saúde exemplificando as doenças como: câncer de pulmão, bronquite crônica, gangrena, mecanismo de captação do carbono com as células ricas em oxigênio e outros. A comunidade fez vários questionamentos e foi participativa.

No ano de 2012, a participação da Expoceep ocorreu com a apresentação de materiais confeccionados pelos alunos do 1º semestre do Curso Técnico em Enfermagem na disciplina processo saúde e doença, na qual as acadêmicas estavam realizando a coparticipação. Nela foram confeccionados maquetes sobre o ciclo dos parasitas (chagas, amebíase, toxoplasmose, ascaridíase e enterobiase) e foram confeccionados folders sobre essas patologias. Estes materiais foram disponibilizados para servir de instrumentos educativos durante a feira, em que participaram alunos do 1º semestre e acadêmicas da UNIOESTE, onde realizaram orientações aos integrantes da escola alunos e a comunidade.

No mês de outubro de 2012, as acadêmicas elaboraram a Folha do PIBID (Jornal de Enfermagem), com temas sobre drogas, violência, cuidados sobre prevenção de parasitoses e Gripe A. O material obteve aceitação por alunos e professores. Os

textos contribuíram para o processo educativo dos discentes, levantando questionamentos, dúvidas e sugestões.

Define-se como material educativo os impressos como folhetos, panfletos, folders e livretos, cuja proposta é proporcionar informação sobre promoção da saúde, prevenção de doenças, modalidades de tratamento e autocuidado (MOREIRA; NOBREGA; SILVA, 2003).

Os materiais didáticos que foram confeccionados na disciplina de Processo Saúde e Doença, foram posteriormente reavaliados com leitura de materiais acerca da validação de tecnologias educacionais. Os alunos PIBIDIANOS e supervisora participaram da disciplina de educação em saúde, da pós-graduação em saúde pública da UNIOESTE que, dentre seus conteúdos aborda o processo de construção e validação de Tecnologias Educacionais e ao analisar o material juntamente com os demais participantes do curso foi verificado que o mesmo não estava completamente adequado para a utilização.

Quanto as atividades realizadas no Colégio Estadual Marilis Faria Protelli contemplaram, no ano de 2011, visitas técnicas com os alunos do colégio ao Laboratório de Anatomia, as Clínicas de Odontologia e Fisioterapia e também aos Laboratórios de Engenharia Agrícola e Engenharia Civil das turmas, sétima série E e sétima série D.

As atividades realizadas foram respectivamente a aula teórica e prática de anatomia, visita ao laboratório de Enfermagem, a Clínica e Fisioterapia e Odontologia, visita ao laboratório de Engenharia Agrícola e Engenharia Civil.

Em um segundo momento foi realizada também a visita técnica a UNIOESTE com os alunos da oitava série E e oitava série D, do Colégio Marilis totalizando trinta e um alunos participantes.

Além das atividades de sala de aula, foi confeccionado um projeto de ensino e aplicado, em contra turno de acordo com a metodologia de oficina sobre sexualidade; gravidez na adolescência; *bullying*; primeiros socorros; alimentação saudável; imunizações; drogas; higiene corporal; doenças sexualmente transmissíveis; reciclagem; educação para o trânsito.

Inicialmente, no ano de 2011, as atividades foram realizadas em contra turno, porém não obteve-se adesão dos alunos, então para o ano de 2012 as atividades foram realizadas no período da manhã no horário regular de aula com as oitavas séries.

As oficinas se deram de forma expositiva, dialogada e dinâmica com o auxílio de projetor multimídia, quadro negro, cartazes, maquetes, jogos lúdicos e próteses dos sistemas reprodutores, cedidas pelo colegiado de enfermagem da UNIOESTE e serão apresentadas em um capítulo específico neste livro.

Houve também a coparticipação das acadêmicas nas aulas da disciplina de ciências, quando trabalharam os conteúdos de higiene corporal, higiene bucal, verminoses, sistema digestório e sistema respiratório.

Na coparticipação sobre higiene corporal os PIBIDIANOS expuseram o conteúdo com uso do projetor multimídia que colaborou para ilustrar e apresentar os conteúdos. Como recurso avaliativo, foi aplicado um questionário que foi respondido

em grupo contendo 20 questões sobre os conteúdos abordados: verminose, sarna, piolho, cabelo, axilas, órgãos dos sentidos, mãos, pés e higiene íntima.

Na coparticipação sobre Higiene Bucal utilizaram como material uma prótese dental e demonstrando a maneira correta de escovação e falaram sobre cuidados com cárie, doença periodontal, uso de aparelho, fio dental, flúor.

Ao trabalhar com o conteúdo de Sistema digestório, houve entrosamento entre os acadêmicos e os alunos. Os pibidianos fizeram apresentação dos órgãos do sistema digestório por meio de slides. Como avaliação foi realizado uma cruzadinha com 15 questões para responder e colocar o nome de cada órgão.

Na coparticipação sobre o sistema respiratório, o conteúdo foi exposto por meio do uso do projetor multimídia, de apostila pelos acadêmicos, cartazes e a apresentação da respiração por meio de material didático confeccionado com balão e material reciclado.

Os alunos também participaram da feira de ciências da escola no ano de 2011, com a apresentação de prevenção de gravidez na adolescência e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. No ano de 2012, os acadêmicos elaboraram um teatro e apresentaram cartazes e explicações acerca do uso do cigarro e efeitos do uso do tabaco.

Outro aspecto que potencializou as ações desenvolvidas nos projetos, além das atividades na escola, a participação no PIBID motivou coordenadores, supervisores e acadêmicos a participar de eventos como o 10º Congresso Internacional da Rede Unida no Rio de Janeiro em maio de 2012 e do I Seminário Estadual do PIBID do Paraná em Ponta Grossa, no mês de agosto de 2012, com apresentação de trabalhos científicos de diferentes modalidades oral, (resumido expandido, relatos de experiências, pôster), e a possibilidade de ter seus artigos publicados em trabalhos em revista científica. Para os professores que estão inseridos no contexto escolar, esta dimensão amplia seus horizontes e permite alargar o aporte de conhecimentos científicos e pedagógicos que podem ser utilizados em sua vivência docente.

Sabe-se também que a bolsa recebida é um fator importante, pois auxilia nos custeios das despesas e, acaba sendo um incentivo para investir em mudanças na atuação docente. Fato este diretamente relacionado a desvalorização da atividade docente, expressa nos baixos salários e nas condições inadequadas das estruturas escolares. No caso dos acadêmicos talvez seja determinante em sua permanência no ensino superior.

Considerações

Ao iniciar as atividades surgiram dúvidas acerca do real papel do professor supervisor no projeto, as quais foram dirimidas conforme as atividades iam se implementando.

Em primeiro lugar ficou claro que deveríamos trabalhar em equipe, em segundo lugar pensar quais conteúdos da matriz curricular poderiam ser trabalhados pelos

alunos, em terceiro estabelecer quais seriam as turmas contempladas com as ações do PIBID de enfermagem. Assim ficou entendido que o papel do supervisor seria também de intermediar e acompanhar as práticas educativas, bem como participar continuamente de leituras e discussões de textos que fundamentaram a realização de atividades práticas nas escolas.

O PIBID despertou nos professores supervisores o prazer de voltar a estudar, participar de eventos, enviar e publicar trabalho científico, que incentiva a rever conceitos e métodos utilizados para melhorar o ensino-aprendizagem, oportunidade que não seria possível sem a participação do PIBID.

Acredita-se que as coparticipações dos alunos em sala fez com que elaborassem materiais de apoio pedagógico como maquetes, *folders* e jornal do PIBID, apreciando o desenvolvendo de habilidades criativas aos futuros professores. As atividades no CEEP aconteceram sem encontrar dificuldades, os projetos foram finalizados, tiveram participação maciça dos agentes educacionais I nas atividades de educação continuada programadas que parece ter se configurado na experiência de maior êxito.

As atividades desenvolvidas promoveram reflexões de professores e alunos, mostrando a importância de planejar, organizar, executar e avaliar as ações em sala de aula, desde a confecção do plano de aula, deixando claro as atividades e o objetivo de cada aula até a sua conclusão. A inserção dos acadêmicos no curso técnico em enfermagem e na educação fundamental promoveu o intercâmbio de informações entre as instituições contribuindo para a formação e capacitação para a docência e para a formação dos discentes promovendo novas experiências aos futuros docentes.

Acredita-se que a entrada do bolsista na escola pública propiciou ao acadêmico um contato direto e contínuo com o ambiente escolar, vivenciando desde cedo a realidade da sala de aula. Contribuindo para a melhoria da qualidade da educação básica, impactando principalmente no comportamento e habilidades dos futuros licenciando de enfermagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Título V - Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino, Capítulo III – Da educação profissional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 06 set. 2011.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 18 abr. 2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia de Vigilância Epidemiológica – 6ª edição**, Brasília: DF, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB**. Dis
- BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. **Diretrizes de Educação em Saúde visando à Promoção de Saúde-** Brasília: Funasa, 2007
- FERREIRA, L. A.; REALI, A. M. M. R. **Reflexões sobre a fase inicial de um programa de iniciação à docência**. In: XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2004, Curitiba.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1999.
- MOREIRA, M. F.; NOBREGA, M. M. L.; SILVA, M. I. T. Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde. **Rev. bras. enferm.** Brasília. v. 56, n. 2, p. 184-188 abr., 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672003000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1 mai. 2013.
- ROSSI, S. Q. **Biologia ilustrada: um estudo sobre o uso de ilustrações no ensino de biologia e em um projeto voltado ao controle de parasitoses. Monografia (Graduação)**. São João del-Rei: Faculdade de Ciências Biológicas, UFSJ, 2008.



PERFIL DOS DISCENTES DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ

*Ana Paula Dias
Franciele Foschiera Camboin
Gabriela Seimetz
Linamari Ferreira
Pecy Mary De Almeida Lopes
Rosa Maria Rodrigues*

Introdução

Desde os tempos mais remotos na história das civilizações humanas, o trabalho é a atividade central para garantir a sobrevivência de homens e mulheres. É pelo trabalho que o homem adquire a sua dimensão humana diferenciando-o dos demais elementos da natureza, inclusive dos demais seres vivos e animais (SAVIANI, 1997).

Transformações na organização do trabalho artesanal, passando pela manufatura até a constituição da produção baseada na produção industrial, na passagem do século XVIII para XIX, desencadearam a necessidade de um trabalhador com liberdade para vender sua força de trabalho tornando-se assalariado (MANFREDI, 2002).

Inicialmente a escola não esteve vinculada à formação para o trabalho, foi com a expansão do capital industrial que emergiu a necessidade da universalização da escola para preparar o profissional para a inserção no mundo do trabalho (MANFREDI, 2002). A escola se organiza a partir de então como condição para a inserção no mundo produtivo, seja pelo acesso ao conhecimento específico sobre o trabalho, seja pela experiência da disciplina (característica principal da escolarização nos séculos XVIII e XIX) transformando o ser humano em formação, em indivíduo possível de ser absorvido pela produção indústria.

No Brasil, a educação se organiza a partir da chegada da Família Real, entretanto, inicia pelo topo, ou seja, as primeiras iniciativas se concentram na organização do ensino Superior, a partir de 1808. A educação profissionalizante, por sua vez, também se organiza a partir deste momento, em conformidade com os consensos que indicavam a necessidade de oferecer instrução aos desvalidos da sorte; os detentores da força de trabalho manual. Ela foi legalmente criada em 1809 visando garantir que pessoas indesejáveis ficassem ociosas no meio urbano colocando em risco a ordem social (FEIBER; RODRIGUES; CONTERNO, 2010).

A escola profissional de enfermeiros e enfermeiras do hospital nacional de alienados na cidade do Rio de Janeiro criada em 1890 é tida como a primeira escola

de formação de pessoal de enfermagem no país. Entretanto, foi a escola de enfermagem Anna Nery, criada em 1922, que inaugurou no Brasil um modelo de formação em enfermagem, além de contribuir para o processo de profissionalização, baseada no modelo Nightingaleano. O curso técnico em enfermagem foi criado somente em 1966 para atender a demanda posta pelos avanços tecnológicos na área hospitalar (RODRIGUES, 2007). O técnico em enfermagem trabalha integrado à equipe de enfermagem e é encarregado de proporcionar os cuidados diários necessários para a assistência ao doente (AVELLO; GRAU, 2003).

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi criada em 1961 com o objetivo de, pela primeira vez estruturar a educação no país. Esta legislação só foi integralmente reformulada em 1996 e, segundo Bagnato, Bassinelo, Lacaz e Missio (2007):

A partir de 1996, a LDB, no capítulo dedicado à educação profissional, trouxe repercussões importantes para a estrutura dos cursos profissionalizantes de enfermagem, entre elas, a separação da educação profissional do ensino médio. O Decreto n.º 2.208/97 possibilitou que os cursos tivessem organização própria e independente do ensino médio (BAGNATO; BASSINELO; LACAZ; MISSIO, 2007, p. 283).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394/96, constitui um marco para a educação profissional. As legislações anteriores sempre trataram da educação profissional parcialmente (CHRISTOPHE, 2005).

Na atual lei, o Capítulo III, Título V - Dos níveis e das modalidades de educação e ensino – é totalmente dedicado à educação profissional, tratando-a de forma integral, como parte do sistema educacional. Neste enfoque a educação profissional tem como objetivos não só a formação de técnicos de nível médio, mas a qualificação, a requalificação, a reprofissionalização de trabalhadores de qualquer nível de escolaridade, a atualização tecnológica permanente e a habilitação nos níveis médio e superior (CHRISTOPHE, 2005).

De acordo com esta lei e com o Decreto 5.154/04 (BRASIL, 2004), a educação profissional será desenvolvida por meio de cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores, educação profissional técnica de nível médio e educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação.

A educação profissional técnica de nível médio, será desenvolvida de forma articulada com o ensino médio das seguintes formas:

Integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno;

Concomitante, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio, na qual a complementaridade entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso, podendo ocorrer: na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais

disponíveis; em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis ou em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando o planejamento e o desenvolvimento de projetos pedagógicos unificados;

Subsequente, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino médio (BRASIL, 2004).

A partir dessas legislações a educação profissional de nível médio recebeu maior atenção, inclusive tencionando alguns estados da federação para a organização e maior cobertura deste nível de ensino. No Paraná esta realidade se manifestou, mas de forma tardia. Se em 1996 já se indicava legalmente o que deveria contemplar o ensino de nível profissional, neste estado, neste mesmo período foram fechados diversos cursos profissionais com a justificativa de adequação as novas prerrogativas legais sem, contudo, colocar em seu lugar novos cursos. Exemplo disso foi o fechamento pelo estado do único curso público gratuito de auxiliares de enfermagem existente na cidade de Cascavel/PR.

De fato, a história do ensino profissional no Brasil expõe que, ao longo do século XX, ela foi ofertada majoritariamente pela iniciativa privada que tratou, na ausência do Estado de criar estratégias de formação dos trabalhadores necessários para os processos produtivos.

A revitalização da educação profissional de nível médio no Paraná só aconteceria em inícios dos anos 2000. É desse período a reorganização do Centro Estadual de Educação Profissionalizante Pedro Boaretto Neto (CEEP) que fora fundado em 12 de maio de 1978. O curso de Técnico de Enfermagem que é o interesse principal deste texto foi criado no ano de 2005. Dentre as preocupações expressas para sua criação figura a ideia de que um curso público teria condições de contribuir com a oferta de assistência em saúde de qualidade para a população (FEIBER; RODRIGUES; CONTERNO, 2010).

Esta escola/instituição tem sido campo de atuação dos alunos do Curso de Enfermagem da Unioeste, Campus Cascavel/PR no qual desenvolvem, desde sua abertura, as atividades da disciplina de prática de ensino II. Atividade esta obrigatória para todos os alunos da graduação, uma vez que o curso oferece a licenciatura integrada e obrigatória a todos os alunos da graduação em enfermagem que são aprovados no vestibular.

No ano de 2011, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) apresentou proposta a CAPES e foi contemplada com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que abarcou licenciandos de diferentes licenciaturas da Universidade, dentre elas a do curso de enfermagem, propondo projetos e ações dentro da educação básica.

O CEEP, por ser uma instituição pública de educação profissional, foi tomado como instituição parceira do PIBID e, conseqüente, como campo de estudos, onde os acadêmicos da Unioeste desenvolvem projetos visando contribuir com as ações inerentes a escola e avançando na direção da oferta de outras possibilidades de intervenção no ambiente escolar que são específicas da atuação do enfermeiro na

escola; além, evidentemente da potencialidade do projeto, implícita no incentivo a formação de futuros professores, objeto principal de sua existência.

Sabe-se que os cursos técnicos, abarcando o técnico em enfermagem, trazem uma oportunidade de emprego para aqueles que, em sua maioria, não têm acesso ao ensino superior e almejam uma capacitação profissional que lhes permita acessar os empregos ainda disponíveis. Diante disto, professores e acadêmicos da Unioeste interagem neste ambiente escolar, procurando compreender como se dá o desenvolvimento do processo ensino e proporcionando uma interação e troca de experiências entre os alunos da escola e acadêmicos.

A atuação na escola pode ser potencializada pelo conhecimento acerca dos sujeitos que adentram este espaço, condição para se planejar, implementar e avaliar as atividades pedagógicas. Pressupõe-se que esta comunidade seria constituída por sujeitos da classe trabalhadora, já inseridos ou não em atividades laborais no setor saúde. Portanto, a proposta que se fez em uma das atividades desenvolvidas na escola foi o levantamento do perfil dos alunos que integram o curso técnico de enfermagem da instituição que desenvolve esta modalidade de ensino como educação profissional de nível técnico subsequente.

A entrada é feita semestralmente e o curso se desenvolve em dois anos com uma carga horária de 2200 horas.

Objetivo

Traçar o perfil dos alunos do primeiro, segundo, terceiro e quarto semestres do curso técnico em enfermagem de uma escola pública de Cascavel – PR no ano de 2011 nos períodos da manhã, tarde e noite.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo do tipo exploratório, que segundo GIL (2008), desenvolve-se com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo.

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado “Conhecendo o ensino técnico em enfermagem de uma escola pública da Região Oeste do Paraná” e desenvolveu-se em uma instituição pública de educação profissional técnica de nível médio na cidade de Cascavel-Paraná no ano de 2011.

A coleta dos dados se deu por meio da aplicação de questionários que, segundo Faria (1984) é definido como um veículo de pesquisa que utiliza impressos confeccionados para receber respostas por meio de perguntas necessárias para se estabelecer um levantamento.

O instrumento de coleta utilizado direcionou-se aos diversos sujeitos matriculados no primeiro, segundo, terceiro e quarto semestres do curso técnico em enfermagem, nos turnos da manhã, tarde e noite, sendo a amostra composta por 140 indivíduos. O questionário era composto por 21 questões abertas e fechadas. A coleta de dados foi supervisionada pelos responsáveis pelo projeto.

O estudo foi submetido a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (CEP-UNIOESTE) e recebeu parecer favorável sob registro nº 1331/2011, atendendo aos requisitos fundamentais da Resolução 196/96 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os sujeitos da pesquisa foram orientados quanto à importância do estudo, seu objetivo, direito dos envolvidos e caráter não obrigatório através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi devidamente assinado pelos alunos. Com os sujeitos foi deixada uma cópia do TCLE.

A análise dos dados se deu de forma quantitativa por meio de números absolutos e percentuais. Após a condensação dos dados, se deu a análise descritiva em que os dados encontrados foram comparados com as bibliografias referentes ao tema estudado.

Resultados

Em relação ao perfil dos alunos do curso de técnico em enfermagem, dos 140 alunos que responderam ao questionário, 128 (91,4%) eram do sexo feminino, 10 (7,2%) do sexo masculino e 2 (1,4%) alunos não responderam a questão. O predomínio do sexo feminino é uma característica sócio-histórica da profissão. A enfermagem brasileira, organizada e estruturada pelo modelo “nightingaleano” desenvolveu-se como uma profissão tipicamente feminina, sendo reconhecida desta forma em qualquer espaço da sociedade. Apesar de a enfermagem ser exercida pelos dois sexos já há alguns anos, observa-se de forma geral que a profissão continua substancialmente feminina (OLIVEIRA *et al.*, 2007).

Quanto a idade, 76 alunos (54,3%) tinham idade entre 18 e 29 anos, 43 (30,7%) tinham idade entre 30 e 39 anos, 14 (10%) entre 40 e 49 anos, 3 (2,1%) tinham idade acima de 50 anos e 4 (2,9%) não responderam a questão. Pode-se inferir que estes dados refletem a realidade nacional em que os alunos advindos do ensino médio, quando não são absorvidos pelas instituições de ensino superior, ingressam no ensino técnico para profissionalizar-se e adentrar ao mercado de trabalho.

Vale lembrar que, atualmente, para o aluno ingressar no curso técnico em enfermagem, um dos requisitos básicos é ter no mínimo 18 anos.

Um estudo realizado em 2008 por Rocha e Rodrigues, com os alunos desta mesma escola discutiu a existência de alunos acima de 50 anos, corroborando com os dados encontrados nessa pesquisa.

Chama atenção ainda que um número, embora pequeno de sujeitos (2,65%), tem acima de 50 anos e está em processo de qualificação. O que levaria essas pessoas a buscarem esta área de profissionalização em uma idade mais elevada? Uma resposta para essa questão seria, talvez, que mesmo com uma idade mais avançada, ter um diploma de curso profissionalizante ainda é uma perspectiva de se manter ou conseguir uma vaga no mercado de trabalho (ROCHA; RODRIGUES, 2009, p. 6).

Outro aspecto a ser inserido nesta discussão é a busca dos já formados auxiliares de enfermagem pela profissionalização no nível técnico, uma vez que atualmen-

te as instituições de saúde têm dado preferência para a contratação de técnicos e não mais de auxiliares de enfermagem.

Em relação à cidade em que residem, 125 (89,3%) moram em Cascavel, 14 (10%) moram em cidades vizinhas, sendo elas: Três Barras, Lindoeste, Pitanga, Ibema, Matelândia, Corbélia, Toledo, Santa Tereza e Céu Azul. Dentre os entrevistados, 1 (0,7%) não respondeu a questão. Assim, 58 (41,5%) moram na zona urbana, 3 (2,1%) moram na zona rural e 79 (56,4%) não responderam a este item da questão. Estes dados apontam para a acessibilidade dos alunos da cidade de origem e principalmente os residentes na área urbana.

Quanto ao estado civil, houve predomínio dos alunos casados, sendo eles 64 (45,7%), seguidos por 50 (35,7%) solteiros. Os outros 26 (18,6%) são separados, viúvos, amasiados, entre outros. Dentre os participantes da pesquisa, 58 (41,5%) não tem filhos, 31 (22,1%) possuem 1 filho, 30 (21,4%) possuem 2 filhos, 15 (10,7%) possuem 3 filhos, 5 (3,6%) possuem 4 filhos e 1 (0,7%) não respondeu a questão.

Do total dos entrevistados, 74 (52,9%) possuem emprego, 63 (45%) não possuem emprego e 3 (2,1%) não responderam a questão. Dentre os 74 alunos que possuem emprego, 15 (20,3%) trabalham de manhã, 13 (17,6%) a tarde, 7 (9,4%) a noite, 31 (41,9%) trabalham em dois turnos e 8 (10,8%) não responderam.

Estas duas variáveis (ser mulher e trabalhadora) implicam em uma característica peculiar aos sujeitos que procuram a profissionalização no ensino médio de enfermagem e, com certeza é um fator importante a se considerar na definição das estratégias de abordagem dos saberes e práticas aos quais ele deverá ter contato durante sua formação. Como conseguir que um sujeito cansado, com múltiplos afazeres consiga participar ativamente de sua formação? Como formar em profundidade nestas condições?

Do total de alunos, 30 (40,5%) trabalham em áreas relacionadas à saúde, como atendente de enfermagem, estagiário, cuidador de idosos, agente comunitário de saúde, entre outros. Os demais 44 (59,5%) trabalham em profissões diversas como cozinheiro, cabeleireiro, diarista, secretária, costureira, telefonista, entre outros. Apesar do curso técnico em enfermagem da escola ser integral e gratuito, muitos alunos precisam trabalhar para se manter e por vezes manter a família.

Em sua grande maioria, os estudantes que buscam o ensino profissionalizante no país, de modo geral, trabalham e estudam. Este dado indica que se trata de *trabalhadores-estudantes*, ou seja, pessoas que enfrentam dificuldades inerentes a sua condição de vida, cumprindo cotidianamente dupla ou tripla jornada de trabalho. Este fato agrava-se ainda mais no caso específico da enfermagem, pelo grande contingente de mulheres inseridas na profissão e pelos afazeres domésticos que ficam sob sua responsabilidade (LIMA; APPOLINÁRIO, 2011, p. 313).

Com relação à renda familiar, 15 (10,7%) entrevistados dizem receber mensalmente menos de 1 salário mínimo, 45 (32,1%) de 1-2 salários mínimos, 32 (22,9%) de 2-3 salários mínimos, 31 (22,1%) de 3-4 salários mínimos, 7 (5%) de 4-5 salários mínimos, 5 (3,6%) mais de 5 salários mínimos e 5 (3,6%) não responderam.

A maioria dos alunos estudaram em escola pública 130 (92,9%), 3 (2,1%) se formaram em escola particular, 4 (2,9%) estudaram parte em escola particular e parte em escola pública, e 3 (2,1%) não responderam a questão. Quanto a modalidade de conclusão do ensino médio, 106 (75,8%) concluíram o ensino médio regular, 24 (17,1%) concluíram por meio da educação de jovens e adultos, 3 (2,1%) concluíram por meio do ensino integrado e 7 (5%) não responderam. A conclusão do ensino médio deu-se entre os 17 e 18 anos para 76 (54,2%) dos alunos, 27 (19,3%) concluíram entre 19 e 20 anos, 36 (25,8%) acima dos 21 anos e 1 (0,7%) não respondeu.

Observa-se o predomínio de alunos que concluíram o ensino médio de forma regular, entre 17 e 18 anos e, logo após a formação, optaram por ingressar no curso técnico. Ao observar estes dados pode-se inferir que a dificuldade de ingressar em instituições públicas de nível superior, menor tempo de estudo de cursos técnicos e maior facilidade de ingresso no mercado de trabalho, o que seria de certa forma uma vantagem, visto que muitos necessitam contribuir com o orçamento familiar desde cedo.

[...] os cursos técnicos pós-médios acabaram por ser a única e derradeira possibilidade para os alunos que, em sua maioria, não lograram ingresso no curso superior [...] Esses jovens, em sua trajetória de vida, muito cedo têm que contribuir para o orçamento, “arrumar trabalho” para sobreviver (MENDES, 2003, p. 285).

A enfermagem é uma das poucas profissões na qual o mercado de trabalho continua em expansão. As áreas de atuação dos profissionais de enfermagem são diversas e ampliam as oportunidades de empregabilidade, podendo ser uma das principais motivações que fazem com que os cursos técnicos em enfermagem tenham uma alta procura (BARBOSA *et al.*, 2011).

De acordo com dados da Fiocruz *et al.* (2012), as profissões da saúde que mais cresceram entre 2005 e 2010 foram as de técnico de enfermagem, com 18% e a de cuidador de idosos com 22,5%.

Muitos alunos terminaram o ensino médio com idade mais elevada, ou então, terminaram o ensino médio e permaneceram por período prolongado sem frequentar a escola antes de iniciar o curso profissionalizante. Ambos os casos podem ser fatores que justificariam a dificuldade de aprendizado que alguns alunos têm em matérias específicas, como por exemplo, a matemática muito usada para os cálculos de medicação, dado observado empiricamente.

Quanto ao ano de ingresso na escola, 3 entrevistados (2,1%), ingressaram em 2009, 69 (49,3%) em 2010, 66 (47,2%) em 2011 e 2 (1,4%) não responderam. A escola estabelece duas entradas anuais, sendo uma no primeiro e outra no segundo semestre. Portanto, os sujeitos foram questionados quanto ao semestre do ano de ingresso na escola e, dentre eles, 83 (59,3%) ingressaram no 1º semestre letivo, 44 (31,5%) no 2º semestre letivo e 13 (9,2%) alunos não responderam. Assim, no momento da coleta de dados, 18 (12,9%) estudavam no 1º semestre do curso técnico em enfermagem, 55 (39,2%) no 2º semestre, 29 (20,8%) no 3º semestre, 37 (26,4%) no 4º semestre e 1 (0,7%) não respondeu.

A baixa quantidade de alunos do 1º semestre que responderam ao questionário deveu-se à dificuldade de encontrá-los na escola, devido à coleta de dados ter sido realizada no final do semestre, período que se realiza grande quantidade de provas e a maioria dos alunos encontrava-se em estágio. Dos 140 alunos, 32 (22,9%) estudam no período da manhã, 25 (17,9%) no período da tarde, 81 (57,8%) à noite e 2 (1,4%) não responderam a questão. No período da noite existem 4 turmas, enquanto no período matutino 2 e no período vespertino também 2, o que explica a maior quantidade de alunos no período noturno.

Ao ser questionado se o aluno teve alguma reprovação durante o período, 129 (92,1%) não tiveram reprovação e 11 (7,9%) já reprovaram. Dos alunos que reprovaram, 4 (36,4%) reprovaram na matéria de introdução à assistência de enfermagem, 2 (18,2%) reprovaram durante o estágio, 1 (9%) reprovou nas matérias de anatomia e introdução à assistência de enfermagem, 3 (27,3%) não responderam a questão, e 1 (9%) respondeu de modo equivocado. Ainda sobre os alunos que reprovaram, 6 (54,5%) reprovaram no 1º semestre do curso, 3 (27,3%) no 2º semestre e 2 (18,2%) não responderam.

Dos 74 (52,9%) alunos que trabalhavam, 66 (89,2%) tinham dificuldade em conciliar o trabalho e o estudo e 8 (10,8%) conseguiam conciliá-los. Dentre os principais motivos que os alunos apontaram como causa desta dificuldade, destacou-se os horários de estágio por ser um curso integral, citado por 34 (46%) alunos, seguido pela falta de tempo devido a grande carga horária mencionada por 9 (12,1%) alunos. Além desses motivos, 23 (31%) alunos apontaram fatores como cansaço, estresse físico e mental, dificuldades em conciliar o trabalho o estudo e família (serviços domésticos, cuidados com os filhos, momentos de lazer), alimentação e sono inadequado. Muitos alunos relataram optar pelos estudos em detrimento do trabalho.

A exaustão emocional é geralmente relacionada às excessivas demandas provenientes do exercício do trabalho, que, no caso de estudantes, seria a quantidade de atividades a serem realizadas, dificultando a conciliação destas com aspectos importantes da vida pessoal (BORGES; CARLOTTO, 2004).

Outro questionamento foi sobre o relacionamento dos alunos com os colegas, professores e funcionários da escola. Quanto ao relacionamento com os colegas, 55 (39,3%) afirmam ter um ótimo relacionamento, 78 (55,7%) acreditam ser bom, 7 (5%) regular e nenhum respondeu que o relacionamento com os colegas é ruim. Sobre o relacionamento com os professores, 62 (44,3%) o dizem ótimo, 71 (50,8%) bom, 6 (4,2%) regular, nenhum respondeu que o relacionamento era ruim e 1 (0,7%) não respondeu a questão. No relacionamento com os funcionários, 34 (24,3%) o dizem como ótimo, 91 (65%) bom, 15 (10,7%) regular e nenhum aluno respondeu que o relacionamento era ruim.

A comunicação dos futuros profissionais da saúde levando em consideração o bom relacionamento com colegas, professores e funcionários da escola é um ponto positivo, tendo em vista que o trabalho na área da saúde tem um aspecto coletivo e de trabalho em equipe.

Por meio da comunicação, os indivíduos e organização se relacionam uns com os outros, bem como o meio ambiente e com os membros do seu próprio grupo, in-

fluenciando-se mutuamente e transformando fatos em informação. A comunicação entre os profissionais de uma equipe é essencial para a formação e condução de uma equipe de trabalho, assim como, pode trazer melhorias na humanização do cuidado em enfermagem (SPAGNUOLO; PEREIRA, 2007).

Por fim, os sujeitos foram questionados sobre como chegaram a receber informação sobre a existência do curso. Mais da metade dos alunos 95 (67,9%) soube por meio de amigos, seguido de 14 (10%) sujeitos que disseram ter sido informados por meio da internet, 12 (8,6%) souberam por meio de outdoors e panfletos, 5 (3,6%) por meio de televisão, 1 (0,7%) não respondeu a questão e 13 (9,2%) souberam de outras formas. Alguns alunos citaram o fato de já ter feito curso na escola ou conhecer alguém que havia feito, alguns procuraram informações sobre escolas que forneciam este curso, entre outros.

Ao longo dos anos, alguns autores estudaram o perfil dos alunos desta escola profissionalizante. Em 2008 os alunos na sua grande maioria eram moradores de Cascavel, bairros próximos e longínquos e cidades circunvizinhas. No começo os alunos em sua maioria tinham idade acima de 25 anos. Os alunos eram oriundos das classes populares mais baixas, subempregados, sem qualificação profissional e que concluíram o ensino médio (CEEP, 2007; CEEP, 2009 *apud* FEIBER; RODRIGUES; CONTERNO, 2010).

Esse perfil modificou-se, em 2008 os alunos estavam numa faixa etária entre 17 e 35 anos. Em sua maioria do sexo feminino, casados e já possuíam filhos. A maior parte dos alunos já estava no mercado de trabalho, exercendo atividades que não eram ligadas a área da saúde (ROCHA; RODRIGUES, 2009). Já no atual estudo, os sujeitos continuam sendo jovens em sua maioria 119 (85%) com idade entre 18 e 39 anos e com prevalência, 128 (91,4%) do sexo feminino, além de uma predominância dos casados 64 (45,7%) em relação aos solteiros 50 (35,7%). Quanto à inserção no trabalho, 74 (52,9%) indivíduos trabalham e, destes, 30 (40,5%) trabalham em áreas relacionadas à saúde e 44 (59,5%) trabalham em profissões diversas.

Considerações finais

A educação profissional técnica de nível médio, tem sido assunto de particular interesse para jovens e adultos trabalhadores que almejam encontrar no ensino médio e na educação profissional uma formação que possa inseri-los no mundo do trabalho (BRASIL, 2012). Diante da necessidade de formar para o mercado de trabalho em enfermagem, conhecer o perfil dos alunos que estão em processo de formação nesta área de atuação pode subsidiar o desenvolvimento de estratégias de ensino que tornem esta formação qualificada.

O PIBID é um programa que busca inserir no ambiente os licenciandos, neste caso, acadêmicos de enfermagem, no ambiente escolar. Conhecendo o público a que se planejam as práticas educativas acredita-se que as ações sejam mais assertivas e possibilitem não apenas saber quem são os alunos, mas compreender o contexto socioeconômico e cultural ao qual estão inseridos.

Acredita-se que esse estudo tenha contribuído para conhecer os alunos e suas características, buscando trazer informações que melhorem a qualidade do ensino. Uma vez que o docente precisa ter em mente não apenas formar para o trabalho, mas formar para a vida que podem partir de iniciativas em salas de aula, por meio de atividades que desenvolvam o raciocínio lógico do aluno, desperte a curiosidade e o seu interesse.

REFERÊNCIAS

- AVELLO, I. M. S.; GRAU, C.F. **Enfermagem – Fundamentos do Processo de Cuidar**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.
- BAGNATO, M. H. S.; BASSINELLO, G. A. H.; LACAZ, C. P.C.; MISSIO, L. Ensino Médio e Educação Profissionalizante em Enfermagem: Algumas Reflexões. **Rev.da Esc. Enfermagem. USP**, São Paulo, v.2, n.41, p. 279-86, 2007.
- BARBOSA, T. L. A.; GOMES, L. M. X.; REIS, T. C.; LEITE, M. T. S. Expectativas E Percepções dos Estudantes do Curso Técnico em Enfermagem com Relação ao Mercado de Trabalho. **Rev. Texto Contexto Enferm**, Santa Catarina, n. 20, p. 45-51, 2011.
- BORGES, A. M. B.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout e Fatores de Estresse em Estudantes de um Curso Técnico de Enfermagem. **Aletheia**, Canoas, n. 19, p. 45-56, 2004.
- BRASIL, Decreto nº 5.154 de 23 de Julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm> Acesso em: 2 jul. 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação. **Perspectivas da Educação Profissional Técnica de Nível Médio**: Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8A8A8337ECD-C2B0137ED025BFE393C>> Acesso em: 5 abr. 2013.
- CHRISTOPHE, M. **A Legislação sobre a Educação Tecnológica no Quadro da Educação Profissional Brasileira**. Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade. Rio de Janeiro, 2005.
- FARIA, A. N. **Organização e Métodos**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos Editora Ltda, 1984.
- FEIBER, D. T.; RODRIGUES, R. M.; CONTERNO, S. F. R. História do curso profissionalizante de enfermagem do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto – CEEP. **Anais do Simpósio Nacional de Educação**, 2010.
- FIOCRUZ, et al. **A saúde no Brasil em 2030**: diretrizes para a prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/editora/media/Saude_Brasil_2030.pdf>. Acesso em: 24 de abril 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- LIMA, E. C; APPOLINÁRIO, R. S. A educação profissionalizante em enfermagem no Brasil: desafios e perspectivas. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, p. 311-6, abr/jun. 2011.
- MANFREDI, S. M. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MENDES, S. R. Cursos técnicos pós-médios: análise das possíveis relações com o fenômeno de contenção da demanda pelo ensino superior. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, set. 2003.

OLIVEIRA, B. G. R. B.; PORTO, I. S.; FERREIRA, M. A.; CASTRO, J. B. A. Perfil dos alunos ingressos nos cursos de auxiliar e técnico de enfermagem do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE). **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p. 127-133, 2007.

ROCHA, F. G.; RODRIGUES, R. M. **Caracterização da trajetória de formação escolar dos alunos do ensino técnico de enfermagem**. Anais do Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, 2009.

RODRIGUES, A. P. **Propostas de formação e requisitos para a docência em cursos de educação técnica de nível médio de enfermagem**: orientações legais a partir da promulgação da lei federal nº 9.394/96 (LDB). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Enfermagem da Unioeste, Campus Cascavel/PR, 2007.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. in: SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 6. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 1997. p. 15-28.

SPAGNUOLO, R. S.; PEREIRA, M. L. T. Práticas de saúde em Enfermagem e Comunicação: um estudo de revisão da literatura. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.6, n. 12, p. 1603-1610, 2007.

PRÁTICA EDUCATIVA COM ALUNOS DO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM PARA A PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO

*Adriana Staziaki Kovaleski
Daniela Patrícia Tres
Franciele Foschiera Camboin
Linamari Ferreira
Rosa Maria Rodrigues*

Introdução

O desenvolvimento industrial do século XX propiciou um crescimento considerável da frota de veículos automotores em circulação em todo o mundo. Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, o carro tornou-se um objeto de consumo, e ter um automóvel particular, um símbolo de *status* social, apoiado especialmente pela propaganda das sociedades capitalistas. Como consequência do acréscimo expressivo do número de veículos circulantes e da alta frequência de comportamentos inadequados, aliados a uma vigilância insuficiente, os acidentes de trânsito envolvendo veículos a motor passaram a se constituir em causa importante de traumatismos na população mundial e, especialmente, na brasileira (BASTOS; ANDRADE; SOARES, 2005).

Segundo Abreu (2006), os acidentes de trânsito e a violência em geral constituem uma verdadeira e urgente questão de saúde pública no mundo moderno. O aumento da morbimortalidade, devido à violência no trânsito, já é considerado uma epidemia, face à sua extensão e consequências para o indivíduo, a família e a sociedade. Consequências estas que se estendem ao nível individual (mortes, lesões e incapacidades provisórias ou permanentes) e social, através da perda de um cidadão produtivo bem como dos custos envolvidos com a situação.

Além destes aspectos há que se considerar o crescente número de acidentes, suas repercussões e agravos sociais representando, além de diversos óbitos e incapacidades, o custo elevado para o tratamento e reabilitação do indivíduo. Estes elementos posicionam os acidentes de trânsito como problema de saúde pública.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2006), no Brasil, o custo total dos acidentes de trânsito chega a R\$ 28 bilhões ao ano, recursos que poderiam ser revertidos em benefício da população. Educar para o Trânsito possibilita intervir nessa situação, através do desenvolvimento de ações com o obje-

tivo de gerar melhor qualidade de vida e mais segurança, com atitudes cooperativas no trânsito (TECNODATA, 2006).

Apesar das diversas políticas governamentais voltadas para prevenção de acidentes de trânsito, a grade curricular dos cursos profissionalizantes não as contempla ou quando o faz é de maneira superficial. Portanto, a proposta constitui-se em uma oportunidade para abordagem da temática com os alunos do curso técnico.

A partir de observações empíricas, verifica-se que as regras de trânsito são desrespeitadas pelos indivíduos, sendo que estas imprudências acabam gerando inúmeros acidentes. Em Cascavel-PR, segundo a Companhia de Engenharia Transporte e Trânsito (CETTRANS), aconteceram no ano de 2009, 3666 acidentes de trânsito, com 1443 vítimas e 43 óbitos, em 2010 foram 3612 acidentes com 1473 vítimas e 37 óbitos e até maio de 2011 aconteceram 1302 acidentes, com 492 vítimas e 10 óbitos. Partindo de dados do Departamento de Estradas de Rodagem do estado do Paraná (DER-PR), em 2009 foram apontados 12999 acidentes, destes houve 10182 feridos e 830 mortos.

Segundo a Organização Mundial da saúde (OMS) (2004), os acidentes de trânsito são considerados a segunda causa de mortes por fatores externos entre adolescentes do sexo masculino. No Brasil, o acidente de trânsito é apontado como a segunda causa de mortes de jovens, sendo a primeira na região Sul (Fundação Nacional da Saúde, FUNASA 2000). Não apenas os jovens são gravemente feridos ou mortos nos acidentes, eles geralmente envolvem outros indivíduos familiares e amigos, que têm suas vidas marcadas por um prejuízo muitas vezes irreversível. O elevado índice de vítimas fatais por acidentes de trânsito, principalmente entre jovens, representa um problema de saúde pública que merece maior atenção (PANICHI; WAGNER, 2006).

O impacto dos acidentes sobre a saúde da população tem contribuído para a redução da qualidade e expectativa de vida entre adolescentes e jovens, além do alto impacto nos custos sociais com cuidados em saúde, com previdência, com absenteísmo ao trabalho e à escola (BRASIL, 2007).

Entre os fatores de risco considerados para a ocorrência de acidentes de trânsito podem ser elencadas as falhas humanas e/ou mecânicas, condições ambientais e/ou físicas das vias, sinalização inadequada, entre outros. As possíveis ações para a redução dos acidentes apontam para a regulamentação específica, intervenções no meio físico, no âmbito da engenharia de tráfego e transportes, desenvolvimento tecnológico dos veículos e as ações educativas (BRAGANÇA *et al.*, 2006).

Ainda conforme Panichi e Wagner (2006), estratégias de intervenção necessitam ser estruturadas de forma a abranger oficinas psicoeducativas direcionadas à conscientização e sensibilização para a condução segura. Todavia, devem focar também outras condutas que colocam em risco a saúde pessoal do jovem no trânsito, tais como o comportamento agressivo, o uso de drogas legais e ilegais, as relações familiares dos jovens e suas relações com os companheiros, com o objetivo de favorecer maiores habilidades de enfrentamento, resgate à saúde emocional e um espaço de reavaliação do processo de desenvolvimento e projetos vitais.

A educação em saúde pode ser compreendida como um contíguo de conhecimentos e práticas voltadas à prevenção de doenças e promoção da saúde. Dessa forma é um recurso no qual os saberes científicos produzidos na área da saúde atingem a vida cotidiana das pessoas por meio da compreensão dos fatores condicionantes do processo saúde-doença, oferecendo subsídios para a adoção de novos hábitos a saúde (SILVA, 2007).

Instrumentalizar os alunos do curso técnico em enfermagem é uma estratégia para motivá-los a refletir sobre suas práticas no trânsito, já que os mesmos compreenderem a importância de se dirigir com responsabilidade é possível torna-los multiplicadores do conhecimento, além de cidadãos conscientes das suas atribuições, bem como melhorar a qualidade de vida da população que usufrui do espaço coletivamente.

A educação tem o intuito de auxiliar o homem a atingir um estado de maturidade que o capacite a agir na realidade de maneira consciente e assim atuar de modo responsável, contudo sabe-se que na prática existente são escassas as atividades realizadas sobre este tema em escolas do ensino fundamental e superior (SIMIONI, 2007).

Segundo o Código de Trânsito Brasileiro (CTB) (1997, p. 2) no Art.1 em seu §1º se define trânsito como “a utilização das vias por pessoas, veículos e animais, isolados ou em grupos, conduzidos ou não, para fim de circulação, parada, estacionamento e operação de carga ou descarga”.

A Educação aplicada ao Trânsito torna-se uma ferramenta eficaz na busca da conscientização e na atuação segura de cada indivíduo. Apoiando-se na ideia de que o homem está inserido no trânsito desde criança, portanto é necessário educa-lo desde cedo (MORAES; SILVA, 2010).

De acordo com o CTB (1997) Art. 74. “A educação para o trânsito é direito de todos e constitui dever prioritário para os componentes do Sistema Nacional de Trânsito”. Conforme o mesmo código no Art.76:

A educação para o trânsito será promovida na pré-escola e nas escolas de 1º, 2º e 3º graus, por meio de planejamento e ações coordenadas entre os órgãos e entidades do Sistema Nacional de Trânsito e de Educação, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, nas respectivas áreas de atuação.

Considerando o papel do ensino técnico no preparo para o exercício da cidadania de seus estudantes, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o estabelecido no Código de Trânsito Brasileiro em relação à educação para o trânsito nas escolas, infere-se a importância da inclusão desta temática nos programas curriculares das escolas de ensino profissionalizante (BRAGANÇA *et al.*, 2006).

No curso técnico as diretrizes curriculares para este nível de ensino não contemplam a prevenção de acidentes de trânsito, nesse sentido este relato de experiência teve como pretensão trazer reflexões aos alunos bem como aos acadêmicos envolvidos, acerca da prevenção de acidentes de trânsito.

Cabe lembrar que os processos educativos junto aos futuros técnicos em enfermagem são fundamentais, já que estes cidadãos, além de serem pedestres e con-

dutores, também tem um papel de sensibilização junto à população, portanto foi necessário o planejamento de um ambiente que privilegiasse a discussão sobre a prevenção e as consequências advindas dos acidentes, adequando os conteúdos de acordo com o nível de compreensão dos sujeitos envolvidos.

Objetivos

Relatar a prática educativa realizada em oficinas pedagógicas com alunos do ensino técnico em enfermagem, que visavam fornecer subsídios para que se tornem multiplicadores da temática de prevenção de acidentes no trânsito.

Metodologia

A metodologia utilizada visava abordar, por meio de oficinas pedagógicas assuntos relacionados à prevenção de acidentes no trânsito. “As oficinas pedagógicas são unidades produtivas de conhecimentos a partir de uma realidade concreta, para serem transferidas a essa realidade a fim de transformá-la” (OSMITE; LÓPEZ; RAMÍREZ, 2000, p. 178).

Assim, a partir da realização do agrupamento de assuntos pertinentes, divididos em três modalidades envolvidas na prevenção de acidentes de trânsito, a estrutura didática das oficinas configurou-se da seguinte forma:

1. Imprudências ao dirigir sob efeito de drogas lícitas e ilícitas;
2. Condições estressantes envolvidas com pedestres e condutores;
3. Cinemática do trauma e noções de primeiros socorros.

Dessa maneira, a clientela deste projeto envolveu os alunos do quarto semestre do curso técnico em Enfermagem devidamente matriculada no Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP) no ano de 2012 que aceitaram participar da atividade educativa.

As oficinas foram realizadas por meio de conteúdo teórico, exposto aos participantes através de recursos audiovisuais (uso de multimídia, TV *pen drive*), *folders* e vídeos educativos.

Como avaliação da prática educativa, foi realizado entrevista com os participantes no primeiro e no último dia da prática educativa. As entrevistas foram gravadas e seguiram os preceitos éticos da Resolução 196/96 CNS/MS que disciplina a pesquisa com seres humanos.

Inicialmente, foi encaminhada uma cópia do Projeto de Pesquisa à instituição onde se realizou a coleta de dados. Após a apreciação e obtenção da autorização do responsável pela instituição, o projeto foi encaminhado para aprovação pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (CPEP) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob o parecer 1333/2011.

As entrevistas foram realizadas após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este termo de consentimento foi feito em duas vias de igual teor, sendo que uma foi deixada com a pessoa que autorizou sua participação na pesquisa e outra com o pesquisador responsável. Salientou-se que a participação do sujeito não implicaria em nenhum custo, bem como os sujeitos não receberiam nenhum valor pela sua participação.

Após o término das oficinas pedagógicas foi realizado a coleta de novo depoimento dos participantes, seguindo novamente os preceitos da Resolução 196/96 CNS/MS.

Como análise dos dados as falas foram editadas e um vídeo com os depoimentos foi criado para registrar as intervenções da prática educativa realizada.

Resultados

A partir do aproveitamento do espaço escolar como um ambiente propício para o desenvolvimento de práticas educativas em saúde, ocorreu a discussão e esclarecimento sobre alguns fatores que predispõem aos acidentes de trânsito, verificando-se a concepção de cada aluno sobre o problema e conhecimentos adquiridos com o projeto, aliado a isso a experiência serviu para a consolidação dos conhecimentos teórico – práticos adquiridos na formação acadêmica.

Na primeira oficina, que teve duração de duas horas aula, foram realizadas gravações dos participantes que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Para a coleta destas informações que seriam gravadas, as perguntas norteadoras foram:

- Você já sofreu acidente de trânsito?
- Se sim, relate como aconteceu o fato?
- Qual foi a causa atribuída?
- Qual foi a consequência deste fato para a sua vida (perda de algum familiar ou amigo, perdas financeiras, lesões temporárias ou permanentes)?

Em seguida, na mesma oficina, foi discutido sobre as imprudências ao dirigir sob o efeito de drogas lícitas e ilícitas dentre elas o álcool, maconha, cocaína, benzodiazepínicos, inalantes, LSD, *ecstasy*, opiáceos, *crack* e anfetaminas. Também foi trabalhada a legislação em relação ao uso destas drogas no trânsito.

Na segunda oficina foram abordadas as condições estressantes que os indivíduos envolvidos no trânsito vivenciam, bem como formas de manejar estas situações incluindo estresse, estado de tensão emocional, pressa, impaciência, distração, e alternativas para trabalhar com estas situações, a oficina teve duração de duas horas aula, a metodologia utilizada foi expositiva e dialogada por meio do projetor multimídia e por vídeos, para facilitar o entendimento dos termos expostos ao longo de sua realização.

Na terceira oficina, foi discutida a cinemática do trauma, bem como a impor-

tância deste conhecimento para a assistência das vítimas. A oficina teve duração de duas horas aula, o método utilizado foi expositivo e dialogado por meio do projetor multimídia e por vídeos para ilustrar o conteúdo. Ao término, os alunos que aceitaram gravar depoimentos foram convidados novamente a depor, relatando a experiência das oficinas e se os conteúdos foram pertinentes para evitar ou mesmo amenizar a situação a qual participaram ou foram vítimas.

Através das discussões e da gravação do vídeo, verificou-se que os alunos demonstravam uma visão ampliada sobre as causas dos acidentes, visualizando não apenas a responsabilidade do indivíduo, mas de toda a comunidade e a nível governamental. Apontaram também estratégias, como leis, melhoria das vias de tráfego e atividades educativas para reverter esse quadro.

Na edição do vídeo, foi possível elencar os prejuízos causados pelos acidentes, bem como a importância da educação sobre o trânsito, destacando-se o senso crítico sobre o assunto, que pode ter sido fruto das discussões realizadas com os participantes na prática educativa. Assim, o vídeo poderá ser utilizado para divulgação da atividade desenvolvida, bem como instrumento didático e incentivo à incorporação do tema como aprendizagem obrigatória na formação escolar.

Considerações

Com o desenvolvimento das oficinas, buscou-se dentro do espaço escolar, propiciar aos alunos subsídios para que entendessem os fatores que predisõem aos acidentes de trânsito, por meio do conhecimento adquirido, tornando-os multiplicadores, tendo a possibilidade de trabalhar a questão junto à população, para assim reduzir os acidentes e agravos no trânsito e promover a segurança viária.

Com a coleta dos depoimentos, verificou-se a concepção dos participantes acerca do tema antes da realização das oficinas e foi possível compará-los com os relatos, ao final do trabalho, para verificar, como forma de avaliação, qual foi a contribuição do projeto tendo uma perspectiva acerca do alcance dos objetivos.

Acredita-se que por meio de ações de educação em saúde pode-se colaborar para produzir saber científico na área, auxiliando na construção de subsídios para adoção de novos hábitos de vida. Outro ponto interessante do desenvolvimento das oficinas foi a gravação do vídeo, utilizado como recurso didático, que enfatizou os conhecimentos adquiridos e permitiu que os participantes refletissem sobre a importância de se discutir o assunto.

Deste modo, a prática educativa realizada com os alunos do ensino técnico em enfermagem foi uma estratégia de criação de multiplicadores do conhecimento, para que estes percebam que a educação no trânsito é um trabalho contínuo, que a longo prazo, não apenas gere novos conhecimentos, mas também melhore a qualidade de vida da população, por meio da sensibilização e mudanças do comportamento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. M. M. Mortalidade nos acidentes de trânsito na cidade do Rio de Janeiro relacionada ao uso e abuso de bebidas alcoólicas [Tese]. Rio de Janeiro, 2006.
- BASTOS, Y.G.L.; ANDRADE, S.M.; SOARES, D.A. Características dos acidentes de trânsito e das vítimas atendidas em serviço pré-hospitalar em cidade do Sul do Brasil, 1997/2000. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 815-822, mai.-jun., 2005.
- BRAGANÇA, A. L. F.; et. al. Educação para o trânsito e responsabilidade social. In: Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia - COBENGE, 34º, 2006, Passo Fundo. **Anais do XXXIV COBENGE**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006. p. 189-202.
- BRASIL; CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE; MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. **Sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos**. Diário Oficial da União. 1996.
- BRASIL. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 23 de setembro de 1997; 176º da Independência e 109º da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9503Compilado.htm>. Acesso em: 27 de outubro de 2012.
- BRASIL; Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. **Mortalidade por acidentes de transporte terrestre no Brasil**. Brasília, DF, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional da Saúde. **Estudos epidemiológicos**. Brasília. 2000. Disponível em: <<http://www.portal.saude.gov.br/>>. Acesso em: 30 de out. de 2012.
- COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRANSPORTE E TRÂNSITO-CETTRANS. **Acidentes de Trânsito**. Disponível em: <www.cettrans.com.br/subpagina.php?id=14>. Acesso: 30 de out. de 2012.
- DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM. Número de Acidentes e Vítimas - 2004 a 2009. Disponível em: <http://www.der.pr.gov.br/arquivos/File/acidentes-numero_de_acidentes1.pdf>. Acesso: 30 de out. de 2012.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Departamento de Trânsito do Paraná. Agencia Nacional de Trânsito. **Impactos sociais e econômicos dos acidentes de trânsito nas rodovias brasileiras**: Relatório Executivo. Brasília: IPEA/DENATRAN/ANTP, 2006. Disponível em: <http://www.denatran.gov.br/-publicacoes/download/custos_acidentes_transito.pdf>. Acesso em 19 de out. 2012.
- MORAES, T. P.; SILVA, M.I. Educação para trânsito: estratégia de ensino no nível superior. **Revista da Católica**, Uberlândia, v.2.n. 4, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/31-pos-grad.pdf>, acessado em 19 de out. 2012.

OMISTE, A. S.; LÓPEZ, M. C.; RAMÍREZ, R. J. Formação de grupos populares: uma proposta educativa. In: CANDAU, V. M.; SACAVINO, S. (Org.) **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Fundamentos**: Informe Mundial sobre Prevención de los Traumatismos Causados por el Tránsito. 2004. Disponível em <http://www.who.int/violence_injury_prevention/publications/road_traffic/world_report/summary_es.pdf>. Acesso em 19 de out. 2012.

PANICHI, R.M.D.; WAGNER, A. Comportamento de Risco no Tránsito: Revisando a Literatura sobre as Variáveis Predictoras da Condução Perigosa na População Juvenil. **Revista Interamericana de Psicologia**, v.40, n.2, p. 159-166, 2006.

SILVA, S.E.D.; et. al. A educação em saúde como uma estratégia para Enfermagem na prevenção do alcoolismo. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, 699-705, 2007.

SIMIONI, V. **Educação e trânsito**: Uma mistura que dá certo. 2007. Disponível em: <<http://www.UNIOESTE.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completo/Trabalhos/PDF/72%20Viviane%20Simioni.pdf>>. Acesso em: 19 de out. 2012.

DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO DO PARANÁ- DETRAN/PR. **Tránsito, Cidadania e Meio Ambiente**. 20a ed. Curitiba: Tecnodata, 2006.

EDUCAÇÃO CONTINUADA PARA AGENTES EDUCACIONAIS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ

Franciele Foschiera Camboin
Linamari Ferreira
Andressa Larissa Dias Müller de Souza
Flávia Boaretto
Caroline Berté
Ana Paula Dias
Érica Rosa da Silva Zanini
Katiane Mazetto Zini

Introdução

Souza (1993) refere que a educação continuada nas instituições deve acompanhar o profissional desde a sua inserção, fazendo-o adaptar-se à mesma e dando-lhe condições de prosseguir no seu desempenho profissional, mantendo sua prática relevante e orientada.

Assim, a educação continuada pode ser definida como um processo permanente de educação, complementando a formação básica, objetivando atualização e melhor capacitação de pessoas e grupos, frente às mudanças técnicas-científicas (Organización Pan-americana de Salud, 1978 *apud* GIRADE; CRUZ; STEFANELLI, 2006, p. 106). Desta forma pode-se dizer que a educação continuada capacita pessoas para as mudanças desejadas pela instituição e também para as mudanças requeridas pela sociedade, desenvolvendo-a como pessoa e como profissional.

O desenvolvimento desta atividade direcionada aos agentes educacionais I (zeladores, merendeiras, porteiros, vigias) de uma escola pública, teve como pretensão promover educação continuada com temas elencados pelos próprios trabalhadores em conjunto com a necessidade da escola e da melhoria da qualidade de trabalho dos profissionais. No entanto, ao elencar os temas de interesse surgiram temas referentes à qualidade de vida e de conhecimento pessoal e estes temas foram abarcados durante o decorrer da prática educativa realizando não somente a educação continuada, mas também educação em saúde com o público alvo. De acordo com as Diretrizes de Educação em Saúde da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), a educação em saúde se constitui como um conjunto de práticas pedagógicas e sociais, de conteúdo técnico, político e científico que no âmbito das práticas de atenção à saúde devem ser vivenciadas e compartilhadas pelos trabalhadores da área, pelos setores organizados da população e consumidores de bens e serviços de saúde e de saneamento ambiental (BRASIL, 2007).

Assim, esta prática educativa fez parte de uma das atividades desenvolvidas pelo subprojeto de enfermagem do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) que desenvolve atividades em parceria com uma instituição pública de educação profissional técnica de nível médio Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (CEEP) na cidade de Cascavel no estado do Paraná desde o ano de 2011.

Ao iniciar as atividades que o subprojeto havia planejado para serem desenvolvidas no decorrer do período de dois anos, a escola em conjunto com os profissionais que lá atuam elencaram como sugestão a necessidade de trabalhar temas da área de saúde com os agentes educacionais. Assim sendo, foram sugeridos pelos próprios funcionários os seguintes assuntos: primeiros socorros; trabalho em equipe; qualidade de vida; riscos físicos, químicos e biológicos; lesão por esforço repetitivo (LER); distúrbio osteomuscular relacionados ao trabalho (DORT); mecânica corporal; prevenção de quedas e acidentes de trabalho; gerenciamento de resíduos; medidas de segurança; assédio moral e diversidade sexual.

Objetivos

Este estudo tem por objetivo relatar a experiência vivenciada por bolsistas do Pibid em práticas educativas direcionadas a agentes educacionais I de uma escola pública do oeste do Paraná que ocorreram por meio de um projeto de ensino que abordou temas da área da saúde.

Metodologia

A atividade educativa foi direcionada inicialmente por um projeto de ensino que tinha como público alvo os agentes educacionais I da escola parceira do PIBID de enfermagem. Este projeto foi elaborado por bolsistas do PIBID de enfermagem, de acordo com os temas que os profissionais e a escola propuseram.

Antecedendo a confecção do projeto, foi realizada uma enquete com os funcionários para conhecer os horários em que a maioria poderia participar e alguns temas foram previamente elencados para que os funcionários expusessem suas preferências ou indicassem novos temas. A carga horária e o local a ser realizados também ficaram em aberto para serem sugeridos.

Assim, para abranger o maior número de participantes o projeto foi desenvolvido em dois momentos. A primeira parte contemplou os agentes educacionais I do período noturno, teve início em outubro de 2011 e término em abril de 2012. A segunda parte foi realizada com os funcionários do período matutino e vespertino ocorrido entre setembro e outubro de 2012. Ambas as edições do projeto foram ministradas por acadêmicas distintas, sendo assim, o conteúdo ministrado foi o mesmo, porém apresentado de diferentes formas, pois cada acadêmica elaborou o plano de aula e a metodologia que seria utilizada na aula que ministrou.

A educação continuada foi realizada com os agentes educacionais I no próprio ambiente escolar durante o seu turno de trabalho, com a duração total de dezoito horas, as quais foram autorizadas pela instituição. A participação no projeto era facultativa e os funcionários receberam certificados ao final da prática.

As aulas se deram de forma expositiva e dialogada, com o auxílio de projetor multimídia, quadro e giz, cartazes, dinâmicas e atividades práticas. Como foi o caso da aula de primeiros socorros, na qual se demonstrou os métodos para atendimento a vítima de trauma e também na aula de mecânica corporal em que foram realizados exercícios de alongamento e aquecimento.

A prática educativa foi realizada em 9 módulos, com carga horária de 2 horas/aulas, abordando sempre uma temática ou duas temáticas em cada encontro de acordo com a carga horária necessária para trabalhar os assuntos indicados.

Participaram 11 funcionários, as atividades aconteciam a cada 15 dias, no entanto houve feriados e férias que prolongaram o intervalo entre alguns encontros.

A segunda parte abrangeu 9 funcionárias, aconteceu por cinco semanas consecutivas, por isso se deu em menos tempo do que a primeira parte do projeto.

Os temas abordados foram divididos em 9 módulos, que continham dois momentos, sendo o primeiro teórico e o segundo prático, a parte teórica era apresentada por quadro ou multimídia, com embasamento bibliográfico para ensinar os assuntos pré-estabelecidos aos funcionários. Quanto ao momento prático acontecia na sequência. A cada módulo eram realizadas avaliações no decorrer das exposições e das atividades práticas o que tornou possível fazer correções e adequações para os próximos momentos.

Resultados

As atividades realizadas tiveram início com o conteúdo de primeiros socorros que são temas necessários a serem abordados com trabalhadores tendo em vista que segundo Veronese, Oliveira, Rosa e Nast (2010) há uma grande quantidade de agravos à saúde que podem ter lugar nos ambientes de trabalho. Entretanto, o ensino de primeiros socorros é pouco difundido, prevalecendo o desconhecimento sobre o tema. Assim, viu-se a necessidade de trabalhar o tema com agentes educacionais na escola, tendo em vista o relato de dificuldade dos trabalhadores de identificar o que podem fazer em situações de urgência e emergência.

No módulo de primeiros socorros foram abordados temas relacionados a atendimento a vítimas de trauma, parada cardiorrespiratória, ressuscitação cardiopulmonar, desfibrilador externo automático (DEA), hemorragia, choques, traumas ósseos e musculares e emergências clínicas.

Foi realizada uma demonstração de atendimento a uma vítima de trauma com parada cardiorrespiratória, com a ajuda de uma funcionária, o que estimulou a participação dos mesmos na prática. Após a prática foi realizada uma roda de conversa destacando os problemas de saúde mais encontrados na escola, como hipotensão ou hipertensão, sangramento nasal, trauma ósseo, entre outros. Ao final, foram reali-

zados questionamentos verbais sobre os conteúdos a fim de avaliar o conhecimento sobre os mesmo e as perguntas foram respondidas de acordo com a bibliografia utilizada para realizar a atividade.

No encontro em que foi trabalhado o conteúdo sobre o “Trabalho em Equipe”, priorizou-se o estímulo ao trabalho em grupo entre os participantes visando a promoção da efetiva interação do grupo. Esta estratégia foi considerada importante pois poderia elevar o grau de conhecimento entre os sujeitos o que poderia melhorar sua satisfação na convivência no trabalho. Assim, a atividade iniciou-se com as definições do que é trabalhar em equipe, a missão e os objetivos em comum, o plano de trabalho que deve ser definido e o conjunto de habilidades formado pela união da habilidade de cada trabalhador (PEDUZZI, 1998).

Após a abordagem teórica realizou-se uma dinâmica, com o auxílio de um balão e um novelo de barbante, e ocorreu da seguinte forma: a equipe foi convidada a dispor-se em círculo, o novelo de barbante foi então entregue a uma pessoa, que seguraria a ponta e lançaria o restante para outra pessoa, dizendo o motivo que escolheu a pessoa à qual lançou o rolo, cada integrante fez isso sucessivamente sempre segurando uma parte do barbante consigo, até que ao final o resultado das escolhas configurou uma “teia de aranha” formada de barbante. Após a formação desta teia, foi posicionado um balão ao centro; como todos os sujeitos estavam interligados formando uma equipe o balão ficava suspenso no ar, como se o objetivo atingido indicasse que a união do grupo possibilitava a sustentação da permanência do balão em suspensão.

Então exemplificou-se algumas atividades que atrapalhavam o trabalho em equipe, por exemplo, quando ocorrem fofocas o trabalho acaba sendo prejudicado, e sempre que falávamos algo de ruim, tirou-se o barbante das mãos de um integrante, então chegou um momento em que o balão caiu ao chão, demonstrando que, quando não se trabalha em equipe não há como chegar ou manter a missão/objetivo que existe em comum.

Ao final da dinâmica, a atividade foi complementada como uma exposição sobre o que se espera entre um grupo de trabalhadores para que o trabalho se configure em trabalho em equipe, dos erros que ocorrem e que podem atrapalhar o funcionamento do grupo.

O terceiro assunto abordado foi qualidade de vida. Inicialmente, foi exposto que o conceito qualidade de vida é diferente de pessoa para pessoa e tende a mudar ao longo da vida de cada um. Existe, porém, consenso em torno da ideia de que são múltiplos os fatores que determinam a qualidade de vida de pessoas ou comunidades. Em geral, associam-se a essa expressão fatores como: estado de saúde, longevidade, satisfação no trabalho, salário, lazer, relações familiares, disposição, prazer e espiritualidade. No sentido mais amplo, qualidade de vida pode ser uma medida da própria dignidade humana, pois pressupõe o atendimento das necessidades humanas fundamentais (NAHAS, 2001).

Este módulo abarcou diversos assuntos, dentre eles enfocou-se a alimentação saudável, os dez passos para uma alimentação saudável do ministério da saúde; exercício físico, os benefícios que o mesmo traz bem como as formas de se exercitar

no dia a dia; os tipos de doenças sexualmente transmissíveis e a forma de prevenção; câncer do colo do útero e como este pode ser evitado; auto exame das mamas e a forma de realizá-lo.

Os assuntos despertaram muito interesse por parte dos participantes, por se tratarem de temas que fazem parte do cotidiano, surgiram muitas dúvidas durante o módulo, as mesmas foram sanadas no decorrer da exposição do conteúdo.

Para a abordagem teórica utilizou-se o multimídia, inserimos muitas figuras, para que os participantes pudessem visualizar e compreender de melhor forma, principalmente nos assuntos auto exame das mamas e doenças sexualmente transmissíveis.

A avaliação do módulo qualidade de vida foi realizada por meio da observação da participação dos participantes durante a atividade.

Este primeiro bloco de assuntos abordados na prática educativa, foram de educação em saúde, porém na sequência vieram os temas mais relacionados ao trabalho propriamente dito e tiveram início com a abordagem dos riscos físico e biológicos, que de acordo com a norma regulamentadora nº09 (BRASIL, 1994) estabelece a obrigatoriedade da elaboração e implementação, por parte de todos os empregadores e instituições que admitam trabalhadores como empregados, do Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA), visando à preservação da saúde e da integridade dos trabalhadores, através da antecipação, reconhecimento, avaliação e consequente controle da ocorrência de riscos ambientais existentes ou que venham a existir no ambiente de trabalho, tendo em consideração a proteção do meio ambiente e dos recursos naturais.

Pode-se entender por riscos ambientais os elementos ou presentes nos ambientes, que quando encontrados acima dos limites de tolerância, podem causar danos à saúde das pessoas. Alguns deles são os agentes químicos, os agentes físicos, os agentes biológicos e os agentes ergonômicos.

Discutindo essa temática em mais um módulo na educação continuada aos agentes educacionais I, tinha-se como principal objetivo capacitar os funcionários para reconhecerem os riscos ambientais aos quais estavam submetidos durante o dia a dia e quais eram as medidas competentes a eles para cessarem ou diminuïrem esses riscos.

Abrangendo o tema citado durante a vivência da atividade docente, as acadêmicas descreveram e exemplificaram quais são os riscos físicos sendo alguns deles a umidade, o ruído e o calor, apresentaram os riscos químicos como é o caso de alguns produtos de limpeza e destacaram os riscos biológicos os quais podem causar doenças como as dermatites.

Durante todo o encontro foi realizado questionamentos orais aos funcionários sobre as suas atividades diárias que se enquadravam naqueles temas, sendo quais delas possivelmente erradas e o que poderia ser feito para modificá-las. Os funcionários foram participativos durante o processo de ensino-aprendizagem. A aula procedeu de forma expositiva utilizando projetor multimídia e exemplos do cotidiano.

Por meio da atividade de questionamentos orais, juntamente com a observação do nível de interesse e participação dos funcionários no decorrer do encontro, foi

possível diagnosticar a compreensão deles sobre o conteúdo, verificar se os objetivos foram alcançados e se as técnicas e recursos utilizados foram adequados.

Na sequência os conteúdos sobre Lesões por esforços repetitivos (LER/DORT), acidentes de trabalho e medidas de segurança foram trabalhados em um só módulo. Utilizando como recurso didático o aparelho multimídia, quadro negro e expressão corporal das formas corretas de postura.

Primeiramente, realizou-se a exposição do conteúdo por meio de aula expositiva e dialogada os temas LER/DORT e acidentes de trabalho, abordando as noções gerais (O que são? Como desenvolve? Formas de evitar? Como reagir? Etc.). Em seguida, solicitamos que os agentes educacionais I contassem suas experiências que envolviam os temas abordados em aula e ao final, buscou-se responder por meio de uma “roda de conversa” as principais dúvidas desses trabalhadores.

O conteúdo “acidentes de trabalho” gerou bastante discussão, visto que vários profissionais participantes do projeto sofreram algum tipo de acidente e não sabiam como proceder em alguns casos. Dessa forma, procuramos responder por meio de fundamentação teórica as dúvidas, como por exemplo, fazer a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), além de indicar alternativas para evitar certos acidentes, como por exemplo, o uso de equipamentos de proteção individual, medidas ergonômicas e uso de materiais adequados.

Já o assunto sobre LER/DORT, que foi enquadrado em acidentes de trabalho, teve como intuito, apresentar como se desenvolve as lesões por esforços repetitivos, bem como seus sintomas, para que o trabalhador possa identificar e diagnosticar precocemente a doença, pois para Murofuse (2008, p. 27) “são causadas pelas exigências das tarefas, dos ambientes e da organização do trabalho, que acabam obrigando o trabalhador a executar movimentos repetitivos, continuados, rápidos e intensos, durante um longo período de tempo”. Dessa forma, é importante fazer o diagnóstico precoce para eliminar a causa da doença e realizar o tratamento correto, além de ficar afastado para evitar o agravamento das lesões e facilitar a recuperação (MUROFUSE, 2008).

Em relação às medidas de segurança, apresentaram-se as medidas de segurança mais utilizadas, enfatizando as análises das etapas do trabalho, a importância em dar atenção aos agentes que causam os acidentes, como posicionamento, choque elétrico, produtos químicos, manuseio de máquinas e equipamentos e através dessa atenção, a execução dos serviços utilizando os Equipamentos de Proteção Individual e medidas de segurança. Lembrando que,

Acidente de trabalho é o evento súbito ocorrido no exercício de atividade laboral, independentemente da situação empregatícia e previdenciária do trabalhador acidentado, e que acarreta dano à saúde, potencial ou imediato, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que causa, direta ou indiretamente (com causa) a morte, ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. Inclui-se ainda o acidente ocorrido em qualquer situação em que o trabalhador esteja representando os interesses da empresa ou agindo em defesa de seu patrimônio; assim como aquele ocorrido no trajeto da residência para o trabalho ou vice-versa (BRASIL, 2006, p. 11).

Quanto ao tema mecânica corporal, que significa o esforço coordenado dos sistemas musculoesqueléticos e nervoso para manter o equilíbrio adequado, postura e alinhamento postural, durante a inclinação, movimentação, levantamento de carga e execução das atividades diárias foi abordado logo após o tema acidente de trabalho (FRYE, 2007). Este módulo teve como objetivo possibilitar aos funcionários um modo de aperfeiçoamento e correção da postura adequada do corpo durante as atividades diárias evitando possíveis problemas de saúde relacionados à mecânica corporal incorreta.

Sobre a temática destacou-se o que é consciência corporal, pois é nela onde começa o desenvolvimento de uma estratégia de autocuidado confiável e de uma mecânica corporal eficaz, Frye (2007, p. 3). O mesmo autor, define a consciência corporal “como a percepção consciente dos movimentos, das respostas, das sensações e dos sentimentos do seu corpo”. A partir disso foram demonstrados os quais são os hábitos de movimento que são úteis ao corpo humano e quais os que lhe prejudicam e causam desconforto, dor ou lesão.

Partindo então para o assunto alongamento e aquecimento o qual foi explicado segundo Frye (2007) que o aquecimento é importante todos os dias, porque os seus músculos e as suas articulações precisam estar aquecidos antes que você comece a utiliza-los caso contrário isso aumenta as chances de entorses e possíveis lesões, após a explicação iniciou-se uma atividade prática de aquecimento com alongamento, todos os funcionários ficaram em pé e repetiram os exercícios corporais que eram realizados pelas acadêmicas.

Após a atividade iniciou-se a parte teórica novamente na qual foram elencados e explicados os assuntos de descanso, fadiga, respiração correta, trabalho em pé, posturas das mãos e braços, levantamento de pesos e a importância da coluna vertebral durante as atividades do nosso corpo.

O Gerenciamento de Resíduos foi o próximo tema abordado e envolve procedimentos que tem o objetivo de diminuir a produção de resíduos e encaminhar para um local seguro, de forma eficiente, protegendo os trabalhadores, preservando a saúde pública, recursos naturais e o meio ambiente (BRASIL, 2006).

Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos é, em síntese, o envolvimento de diferentes órgãos da administração pública e da sociedade civil com o propósito de realizar a limpeza urbana, a coleta, o tratamento e a disposição final do lixo, levando assim a qualidade de vida da população e promovendo o asseio da cidade, levando em consideração as características das fontes de produção, o volume e os tipos de resíduos (MONTEIRO *et al.*, 2001, p. 8).

No módulo de gerenciamento de resíduos, após a exposição verbal dos conteúdos e discussão, as funcionárias elaboraram um cartaz separando os diferentes tipos de resíduos conforme sua classificação.

De acordo com o plano de gestão de resíduos sólidos: manual de orientação (PARANÁ, 2012), a Lei 12.305 estabelece a diferença entre resíduo e rejei-

to: resíduos devem ser reaproveitados e reciclados e apenas os rejeitos devem ter disposição final.

Um dos objetivos fundamentais estabelecidos pela Lei 12.305 é a ordem de prioridade para a gestão dos resíduos, que deixa de ser voluntária e passa a ser obrigatória: não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento dos resíduos sólidos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos (PARANÁ, 2012). Assim, é essencial aos agentes educacionais ter conhecimento sobre os resíduos que podem ser reutilizados, realizando a separação dos mesmos através da coleta seletiva e os que precisam de uma destinação final adequada, e colocar em prática os conhecimentos deste módulo, no dia a dia do trabalho na escola.

A coleta seletiva é um sistema de recolhimento de materiais recicláveis: papéis, plásticos, vidros, metais e orgânicos, previamente separados na fonte geradora e que podem ser reutilizados ou reciclados. A coleta seletiva funciona, também, como um processo de educação ambiental na medida em que sensibiliza a comunidade sobre os problemas do desperdício de recursos naturais e da poluição causada pelo lixo (SÃO PAULO, 2012).

No módulo sobre assédio moral todos sentaram ao redor de uma mesa, para facilitar a abordagem do assunto e a comunicação. No primeiro momento foi realizado um questionamento às funcionárias para verificar se elas já possuíam conhecimento prévio sobre o assunto. Após o questionamento verificamos que o conhecimento era pequeno e muitas não sabiam do que se tratavam.

No segundo momento trabalhamos o conceito de assédio moral, as diferentes formas que ele ocorre e como lidar diante dessas circunstâncias. Para isso usamos as referências abaixo citadas:

O assédio moral é toda e qualquer conduta abusiva (gesto, palavra, comportamento, atitude) que atente, por sua repetição ou sistematização, contra a dignidade ou a integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho (BRASIL, 2008).

Ocorre de diferentes formas: por deterioração das condições de trabalho quando a pessoa perde sua autonomia, é criticada de forma injusta ou exagerada e causa danos físicos, morais e psicológicos; por isolamento quando é negado à vítima o direito a comunicação; por atentado contra a dignidade com zombarias ou provocações e atribuição de tarefas humilhantes ou por violência verbal, física ou sexual que inclui as ameaças e as agressões (BRASIL, 2008).

“A vítima escolhida é isolada do grupo, sem explicações. Passa a ser hostilizada, ridicularizada e desacreditada no seu local de trabalho. É comum os colegas romperem laços com a vítima e reproduzirem as ações do agressor” (BRASIL, 2010).

O trabalhador assediado deve reunir provas contra o assédio, anotar com detalhes todas as humilhações sofridas, com hora, data, local, nome do agressor e testemunhas. Não conversar sozinho com o agressor, sempre ter a presença de testemunhas. Procurar o representante sindical e relatar os fatos, para tomar as medidas legais necessárias.

Vale ressaltar as situações em que não ocorre assédio moral, são elas: o estresse profissional, conflito quando há igualdade entre os debatedores, uma agressão única, sobrecarga de trabalho quando não há intenção de prejudicar alguém, mudanças ou transferências de função, críticas construtivas e exigência de produtividade (BRASIL, 2008).

Para auxiliar a compreensão das funcionários exemplos, que ocorrem no dia a dia deles, foram utilizados.

No terceiro momento, após a explicação dos conceitos, foi feito outro questionamento, para avaliar se eles já conseguiam identificar as situações que eram consideradas assédio moral e lidar com essas situações. Assim, todos conseguiram identificar e lidar de maneira correta com os exemplos de usados.

Na sequência foi abordado o tema: Lidando com as Diversidades Sexuais na Escola. Iniciou-se com as definições do que é ser heterossexual, homossexual ou bissexual, explicando que ainda não há uma razão definida do porque as pessoas escolhem a sua orientação sexual, portanto devemos respeitar as escolhas de cada um, quebrando a barreira do preconceito e da discriminação, afinal a diversidade humana, seus valores, atitudes e histórias de vida definem como cada um enfrenta sua existência e realiza suas opções.

E para finalizar realizou-se a “dinâmica das diferenças”, com o auxílio de folhas em branco e lápis de cor, distribuímos uma para cada participante do grupo. Em seguida pedimos que ao dar um sinal todos desenhassem o que fosse falado sem tirar a caneta do papel. Ao iniciar foi solicitado que desenhassem um rosto com olhos e nariz, em seguida uma boca cheia de dentes, e continuar o desenho fazendo um pescoço e um tronco. Foi importante ressaltar sempre que não se podia tirar o lápis do papel. Ao encerrar foi solicitado que todos parassem de desenhar e mostrassem seus desenhos.

Ao observarem os desenhos foi ressaltado que não há nenhum desenho igual ao outro, portanto, todos percebem a mesma situação de diversas maneiras, que somos multifacetados, porém com visões de mundo diferentes, por este motivo devemos respeitar o ponto de vista do outro.

Considerações Finais

O trabalho realizado em 2011 e 2012 com os agentes educacionais da escola profissionalizante atingiu seu objetivo, que era realizar uma prática educativa acerca dos temas relacionados ao dia a dia destes funcionários. Houve grande participação em interesse dos mesmos no projeto e após realizado o projeto, as acadêmicas elaboraram um material didático com o intuito de futuramente ser distribuído aos funcionários, servindo como material de apoio quando surgirem dúvidas relacionadas aos temas trabalhados.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Saúde. **Notificação de Acidentes do Trabalho Fatais, Graves e com Crianças e Adolescentes**. Brasília: Imprensa Nacional, 2006.
- BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. **Diretrizes de Educação em Saúde visando à promoção da saúde**. Brasília: Funasa, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Assédio moral: violência e sofrimento no ambiente de trabalho**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de gerenciamento de resíduos de serviços de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Assédio Moral e Sexual no Trabalho**. Brasília: MTE, ASCOM, 2010.
- BRASIL. Portaria nº 25, de 29 de dezembro de 1994. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Ministério do Trabalho, Brasília, DF, 30 dez. 1994. Seção 1, p. 21280-21282.
- FRYE, B. **Mecânica Corporal: Guia Prático para o autocuidado**. 2 ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2007.
- GIRADE, M.G.; CRUZ, E.M.N.T.; STEFANELLI, M.C. Educação continuada em enfermagem psiquiátrica: reflexão sobre conceitos. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 105-110, Mar. 2006.
- MONTEIRO, J.H.P., *et al.* **Manual de Gerenciamento Integrado de resíduos sólidos**. Rio de Janeiro: IBAM, 2001.
- MUROFUSE, N.T., *et al.* **Cartilha sobre a saúde do trabalhador: fique de olho para não entrar numa fria**. Cascavel: Gráfica Universitária – UNIOESTE, 2008.
- NAHAS, M.V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 2.ed. Londrina: Midiograf, p.5, 2001.
- PARANÁ. Secretaria do Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMA. **Plano de regionalização da gestão integrada de resíduos sólidos urbanos**. Disponível em: <<http://www.residuossolidos.sema.pr.gov.br/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2012.
- PEDUZZI, M. **Equipe multiprofissional de saúde: a interface entre trabalho e interação**. 254f. Dissertação. Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria do meio ambiente. **Coleta Seletiva**. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/documentos/coleta%20seletiva%20como%20fazer.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2012.
- SOUZA, M.B.B. **A gênese da educação continuada em enfermagem e seu percurso histórico no HCRP/USP (1956-1986)**. 1993. 203 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)–Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1993.
- VERONESE, A. M.; OLIVEIRA, D. L. L. C.; ROSA, I. M; NAST, K. Oficinas de primeiros socorros: relato de experiência. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 179-82, 2010.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NOS ÚLTIMOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO OESTE DO PARANÁ

Abenilde Silmara de Mello

Andressa Larissa Dias Müller de Souza

Carolina Berté

Daisy Rodrigues

Érica Rosa da Silva Zanini

Edileuza Ferreira

Flávia Boaretto

Franciele Foschiera Camboin

Gabriela Seimetz

Giovana Guedes

Jolana Cristina Cavalheiri

Pecy Mary de Almeida Lopes

Introdução

Apresentada pelo Ministério da Saúde como uma das principais estratégias da Atenção Básica para promoção e prevenção de agravos a saúde, a Educação em Saúde constitui-se numa prática realizada cotidianamente por diversos profissionais e trabalhadores de saúde. Compreende-se que esta prática se constitui na união das áreas sociais e pedagógicas, contribuindo para a formação da consciência crítica das pessoas a respeito dos seus problemas de saúde, partindo da realidade para soluções, tanto individuais como coletivas (BRASIL, 2007). Além disso, para Libâneo (1994) a prática educativa além de ser uma exigência do convívio em sociedade, é também o processo de ensinar aos indivíduos os conhecimentos e experiências culturais que os tornam capazes de atuarem em meio social.

Desta forma, é importante entender que a educação em saúde pode trazer contribuições fundamentais para intensificar as ações das estratégias de promoção da saúde no cotidiano dos serviços de saúde, além de promover a autonomia das pessoas, indivíduos e profissionais, para que em conjunto possam compreender a saúde como resultante das condições de vida e propiciar um desenvolvimento social mais equilibrado (HEIDMANN *et al.*, 2006).

Para a realização de atividades educativas, é necessário romper com o didatismo e a assimetria, evitando que estas sejam realizadas sem o conhecimento da comunidade, sem um fim e objetivo. Além disso, é preciso questionar a eficácia

das ações e dos resultados, tanto individuais como coletivos e estabelecer um vínculo entre os problemas de saúde encontrados com os grupos específicos da população e, a partir disso, quebrar a imagem a qual o profissional de saúde é o detentor do saber estabelecendo um diálogo com a comunidade a fim de conhecer as informações acerca do assunto, além de enriquecer as experiências da comunidade (BRASIL, 2007).

Assim, para Comenius (2002, p. 180) “facilitará o estudo do aluno, quem lhe mostrar como usar na vida cotidiana aquilo que está sendo ensinado [...], nada deve ser ensinado que não tenha uso imediato”.

Sendo assim, acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), participantes do Programa Institucional de Bolsas Iniciação a Docência (PIBID), ao atuar vivenciando a prática docente em um colégio Estadual da cidade de Cascavel/PR, sentiram a necessidade de trabalhar, em conjunto com a coordenação pedagógica, temas que abrangessem a orientação em saúde para adolescentes, associados aos problemas de saúde evidentes nesta faixa etária que requerem atividades de prevenção e educação em saúde.

Desta forma, no ano de 2011 foram desenvolvidas as seguintes temáticas: hábitos alimentares e obesidade; violência escolar – *bullying* – e gravidez precoce. Já na continuidade do projeto, outras oficinas foram ministradas no ano de 2012, estas com temas diferenciados que enfatizaram a prevenção e orientação em saúde, sendo eles: primeiros socorros, reciclagem e imunização.

Objetivo

Relatar a experiência vivenciada pelos acadêmicos participantes do PIBID em abordagem educativa em saúde com adolescentes, visando à prevenção e promoção da saúde.

Metodologia

As atividades foram desenvolvidas no ambiente escolar, pelos acadêmicos de enfermagem da UNIOESTE participantes do PIBID.

Em um primeiro momento, o projeto foi desenvolvido com os alunos das oitavas séries em seus períodos de contra turno, ou seja, as atividades foram realizadas no turno da manhã com os alunos que estavam matriculados no período vespertino, sendo que a participação era facultativa e com autorização por escrito dos pais para participarem. As oficinas realizadas no contra turno foram: violência escolar -*bullying* e prevenção de gravidez na adolescência. Constatando-se a pequena adesão dos alunos ao projeto, visto que a necessidade de abranger as temáticas citadas era grande, as acadêmicas em conjunto com a coordenação pedagógica, decidiram experimentar outro período para realização do projeto. Sendo assim, em um segundo momento, as atividades foram realizadas no horário regular do período da manhã com os alunos das oitavas séries na disciplina de ciências.

As oficinas se deram de forma expositiva, dialogada e dinâmica com o auxílio de projetor multimídia, quadro negro, cartazes, maquetes, jogos lúdicos, fóruns de discussão e dramatização do tema exposto com próteses dos sistemas reprodutores, cedidas pelo colegiado de enfermagem da UNIOESTE.

Além disso, os alunos foram convidados, com autorização dos pais, a participarem de uma visita para conhecerem o campus da UNIOESTE-Cascavel/PR. O passeio ocorreu, primeiramente, no laboratório de anatomia, com uma aula expositiva e prática da anatomia do corpo humano, ministrada por alunos da universidade; na sua sequência, os alunos conheceram os laboratórios de enfermagem, ciências biológicas e das engenharias, os quais foram apresentados aos alunos pelos técnicos de laboratório e professores (funcionários da instituição) explicando de forma breve, acerca do funcionamento e das atividades desenvolvidas em cada ambiente pelos acadêmicos de cada curso da universidade, além destes espaços, visitaram o Centro de Reabilitação Física e o Centro Odontológico presentes no Campus, os quais igualmente foram apresentados por funcionários que trabalham nesses locais.

Resultados

O projeto abrangeu os alunos das oitavas séries de ensino fundamental. Entretanto, no primeiro momento, em que as oficinas foram realizadas no período de contra turno e com participação facultativa, houve a participação de apenas cinco alunos nas oficinas. Já no segundo momento, a participação foi maciça, pois as oficinas foram ministradas no horário das aulas da disciplina de ciências.

As oficinas sobre “Hábitos alimentares e Obesidade” foram realizadas no horário das aulas de ciências, com o auxílio do quadro negro e materiais didáticos de colagem de figuras de alimentos nos locais corretos da pirâmide alimentar como forma dinâmica e de avaliação.

No início da oficina ocorreu a identificação dos alunos de forma oral e posterior de seus hábitos alimentares, que foram escritos em uma folha, não identificada, os alimentos consumidos no dia anterior com seus respectivos horários, desde o café da manhã, lanches, almoço e jantar. Só então, foi exposto sobre o sistema digestório dos seres humanos, as necessidades calóricas de um adolescente utilizando a pirâmide alimentar e detalhando os aspectos mais importantes. Após isso, os alunos puderam observar seus hábitos alimentares e compará-los com o referencial apresentado.

Para Mello *et al.* (2004) vários fatores influenciam o comportamento alimentar: cultura de pais e amigos, valores sociais, mídia, alimentos rápidos, conhecimentos de nutrição e manias alimentares, necessidades e características psicológicas, imagem corporal, valores e experiências pessoais, autoestima, preferências alimentares, saúde e desenvolvimento psicológico.

Dessa forma, a prevenção da obesidade continua sendo o melhor caminho e, principalmente se for trabalhada antes da idade escolar e mantidas durante a infância e a adolescência. A política da escola pode fornecer dietas saudáveis e atividade física, pois é neste local e momento que os interesses podem surgir, gerando o

entendimento e até mesmo a mudança dos hábitos dos adultos, por intermédio das crianças e dos adolescentes (MELLO *et al.*, 2004).

Assim, para alcançar uma alimentação saudável, além de fornecer informações corretas (educação em saúde), é preciso evitar que informações incorretas alcancem indivíduos e, ao mesmo tempo, propiciar a esses indivíduos condições que os tornem aptos a adotar as orientações que recebem. Portanto, isso significa que a prevenção da obesidade não deve se restringir apenas na transmissão da informação, como também, deve estar associada a medidas legislativas, como controle da propaganda de alimentos não saudáveis; além de questões tributárias (isentando alimentos saudáveis e onerando os preços dos não saudáveis), medidas que facilitam a produção e comercialização de alimentos saudáveis e medidas que estimulem a prática de atividades físicas de lazer (MELLO *et al.*, 2004).

A oficina de “Hábitos Alimentares e Obesidade” procurou englobar todos os assuntos que envolvem a alimentação e, principalmente, obesidade, além de fazer uma associação com a realidade dos alunos. Ao final da exposição dos conteúdos, esclarecemos as dúvidas que surgiram e notamos que houve grande interesse dos alunos em participar da oficina.

Quanto à oficina de primeiros socorros, iniciou-se a atividade abordando os objetivos e conteúdos que seriam trabalhados. Após solicitou-se que os alunos escrevessem em uma folha o que eles entendiam por primeiros socorros e qual a importância disso no entendimento deles. Ao final dessa atividade, as folhas foram recolhidas e buscou-se conhecer, por meio de uma conversa coletiva, as respostas dos estudantes. Posteriormente, realizou-se explanação do conteúdo por meio de aula expositiva e dialogada, com auxílio do projetor multimídia. Para tanto, abordou-se a definição geral de primeiros socorros; suas etapas básicas (avaliação do local do acidente, avaliação básica da vítima, o que fazer, para quem ligar); definição e condutas frente a parada cardiorrespiratória; hemorragia externa de membros; queimaduras de primeiro, segundo e terceiro grau; sufocamento (no adulto, criança e bebê); desmaio; presença de corpos estranhos nos olhos; ouvidos, nariz e garganta e ferimentos superficiais.

Desta forma, é de fundamental importância o esclarecimento e treinamento da população em geral para o atendimento das situações de emergência, evitando dessa maneira a estagnação de um possível socorrista no momento de decidir qual o próximo passo a seguir. Sendo assim, a população deve estar informada e preparada para saber agir nas situações de emergência.

Em situações de emergência, a avaliação da vítima e seu atendimento devem ser realizados de forma rápida, objetiva e eficaz, proporcionando aumento da sobrevivência e a redução de sequelas e, em sua maioria, esse atendimento pode ser iniciado no ambiente pré-hospitalar (PERGOLA; ARAÚJO, 2008). Logo, se a sobrevivência das vítimas em situações de emergência depende da rapidez no atendimento da mesma, destaca-se a relevância de iniciar o treinamento da população desde o período escolar.

Na oficina de Primeiros Socorros, após o primeiro momento, a sala foi dividida em grupos de quatro ou cinco alunos entre os quais foram sorteados tipos mais

frequentes de situações-problema, sendo eles: parada cardiorrespiratória; hemorragia externa; sufocamento; queimaduras; desmaio; corpos estranhos e ferimento superficial. A partir disso, os grupos foram orientados a elaborar um teatro para a semana seguinte, simulando o acidente sorteado e como os diversos indivíduos envolvidos deveriam agir perante aquela situação.

Os grupos se dirigiram à frente da sala e seus integrantes simularam o procedimento sorteado na aula anterior. Os alunos demonstraram interesse em desenvolver as técnicas em sala de aula, porém, devido ao elevado nível de dificuldade das mesmas, algumas apresentações receberam auxílio e interferência das acadêmicas. As dramatizações possibilitaram interação alunos-acadêmicos-professor, viabilizando o desenvolvimento de estratégias em equipe para as diferentes situações que lhes foram propostas, contribuindo para a formação de um pensamento crítico-reflexivo conjunto frente às dificuldades apresentadas.

Os teatros também oportunizaram o diálogo da turma com as acadêmicas por ser um momento oportuno para discussão em classe, correção de possíveis erros e fixação do conteúdo. Ao final das apresentações, vários aspectos foram retomados e a aula foi concluída com a reflexão dos alunos frente às situações dramatizadas.

A próxima atividade desenvolvida tratou o tema “Imunização”, o objetivo desta oficina foi apresentar qual é o calendário nacional de vacinação utilizado atualmente, quais as finalidades das imunizações e elencar as principais vacinas descrevendo sua função, quais as reações adversas que ela pode trazer e o que pode acontecer se a pessoa não for imunizada com estas vacinas.

Parte das pessoas não sabe quais são as vacinas que estão recebendo, qual é a função delas e quais as reações adversas que elas podem desencadear. O que todos sabem é que “o objetivo da imunização é a prevenção de doenças” (ALEXANDRE; DAVID, 2011, p. 19).

Atualmente, o calendário vacinal estabelece obrigatoriedade de vacinar as crianças com as seguintes vacinas: BCG, vacina hepatite B (recombinante), vacina poliomielite 1, 2, e 3 (atenuada), vacina rotavírus humano G1P1 [8] (atenuada), vacina absorvida difteria, tétano, pertússis e *Haemophilus Influenzae b* (conjugada), vacina pneumocócica 10-valente (conjugada), vacina meningocócica C (conjugada), vacina febre amarela (atenuada), vacina sarampo, caxumba e rubéola (atenuada) (ALEXANDRE; DAVID, 2011).

Durante a vivência da atividade docente, sobre a temática destacou-se quais são as vacinas que são obrigatórias quando criança e por que elas são importantes para a saúde. Logo após, exemplificou-se cada uma das doenças para as quais há a imunização através das vacinas, tais como: tuberculose, hepatite B, poliomielite, rotavírus humano, difteria, tétano, coqueluche, meningite, pneumonia, febre amarela, sarampo, caxumba, rubéola e a gripe causada pela influenza.

Após a apresentação do conteúdo, foi realizada a atividade de conferir a carteirinha de vacinação coletivamente, ou seja, foi anteriormente requisitado que todos os alunos levassem suas carteirinhas de vacinação para a aula, assim de modo coletivo foi elencado quais as vacinas que deveriam estar presentes na carteirinha, na falta de

alguma, foi conferido individualmente, analisando se é necessária que essa vacina seja administrada. Quando esta necessidade era constatada, o aluno era orientado a procurar a Unidade Básica de Saúde (UBS) próxima de sua residência com a carteirinha de vacina em mãos, para que a vacina necessária fosse administrada e registrada. Os alunos foram receptivos e participativos durante o processo de ensino-aprendizagem. A aula ocorreu de forma expositiva utilizando projetor multimídia, quadro e giz e exemplos do cotidiano.

Como forma avaliativa, realizou-se a conferência das carteirinhas de vacinação e questionamentos durante o decorrer da oficina.

A oficina com o tema “Reciclagem” foi realizada no primeiro momento com uma apresentação do conteúdo a ser trabalhado, por meio da utilização de multimídia e do quadro negro.

A preocupação com a quantidade de lixo produzida pela população faz com que políticas ambientais estabeleçam normas de tratamento e reciclagem para que o menor dano possível ocorra com o meio ambiente, quando o lixo chegar ao seu destino final. De acordo com Melo *et al.* (2007) são fabricados do lixo mais inocente, o chamado lixo orgânico, que retorna à natureza para torná-la mais fértil, ao lixo radioativo, que se não é letal ao contato humano, pode produzir danos irreversíveis.

Para isso, uma das possibilidades de enfrentamento desta problemática é a adoção da política dos 3Rs, para Bonelli (2005), 3Rs para controle do lixo significa: Reduzir, Reutilizar e Reciclar. Reduzindo e reutilizando se evitará que maiores quantidades de produtos se transformem em lixo. Reciclando se prolonga a utilização de recursos naturais, além de reduzir o volume de lixo.

Assim, foi discutida a relação da reciclagem com o meio ambiente, a importância de se reciclar, as vantagens e como deve ocorrer a separação do lixo para a coleta comum e a coleta seletiva. Descreveram-se os materiais que podem ou não serem reciclados, o tempo que os mesmos levam para se decompor e expuseram figuras com objetos que podem ser reciclados. Após essa abordagem implementou-se a atividade prática, com o auxílio de cola e folhas de revistas velhas, nas quais os alunos confeccionaram “porta-trecos”. A atividade teve como objetivo, ensinar os alunos a reaproveitarem materiais que no dia a dia seriam descartados, aumentando a produção de lixo. Os alunos demonstraram interesse sobre o assunto durante a atividade, comprometendo-se com a produção do material proposto.

As oficinas realizadas com os alunos do ensino fundamental sobre “prevenção da gravidez na adolescência” tiveram como objetivo identificar o conhecimento dos adolescentes sobre o tema e contribuir com o conhecimento dos mesmos a respeito da temática. A oficina foi trabalhada em dois momentos, no primeiro ocorreu à explanação da temática tendo como principal foco, os prejuízos de uma gravidez precoce e as formas de prevenção, estimulando sempre a participação do grupo, permitindo a partilha de experiências. Após, foi realizado o segundo momento com o desenvolvimento de dinâmicas e, posteriormente realização de um jornal mural.

É necessário orientar os adolescentes sobre o significado da gravidez e que esta deve ter um momento para planejá-la. Diante da necessidade de intervenção

para redução da gravidez na adolescência, cabe aos profissionais adotar ações educativas na tentativa de mudar esta realidade. De modo especial, os profissionais de enfermagem devem agir como educadores, com possibilidades e oportunidades de levar informações a grupos de pais e mães adolescentes, além de trabalhar com indivíduos que estão entrando na fase da adolescência, com o propósito de evitar a gravidez precoce. Também, é pertinente a inclusão de estratégias que tenham como objetivos a redução do número de gravidezes precoces entre adolescentes.

Acredita-se que essa atividade educativa tenha possibilitado esclarecimento quanto aos riscos e as consequências de uma gravidez na adolescência, mostrando as perdas que esta pode causar. Avalia-se que atividades educativas desta natureza são importantes para a formação dos estudantes aliadas a outras ações no campo de políticas públicas, que incluam os adolescentes em perspectivas de futuro.

Para trabalhar o conteúdo “violência escolar” estruturaram-se dois encontros, sendo o primeiro para conhecimento e discussão sobre o tema, e em um segundo momento, em que foram trabalhadas as consequências psicológicas e legais dos atos de violência escolar.

No primeiro momento da oficina foi abordado o que é *bullying* e quais os principais tipos dessa violência, como a física, emocional/psicológica, verbal e o *cyberbullying*, as principais características do agressor e da vítima.

Com a exposição do conteúdo, foi possível observar que os alunos possuíam dificuldade em discernir atividades e brincadeiras comuns com a prática da violência. Assunto que gerou uma discussão calorosa entre os adolescentes e resultou na necessidade de se estabelecer respeito as individualidades, a aparência e a personalidade de cada membro da rede escolar.

Utilizou-se, para concluir o encontro, uma dinâmica de confecção e exposição de cartazes e teatros sobre o entendimento dos alunos sobre atitudes de *bullying* no ambiente escolar. Dessa forma, a sala foi dividida em quatro grupos, cada um deles com um acadêmico de enfermagem como monitor, com o objetivo de assinalar as principais características de cada violência.

É interessante ressaltar que a atividade proporcionou a comunicação entre os alunos da turma, visto que grande parte deles contribuiu para a efetivação do trabalho e, em algumas vezes, em grupos diferentes de sua rotina de amizade. Além disso, importante enfatizar que, um dos grupos utilizou da apresentação do teatro para apresentar o conteúdo, o que proporcionou um ambiente alegre e extrovertido para a sua discussão.

Após a discussão entre os alunos sobre o conteúdo, estes colocaram situações e penalidades que sofreram ou empregaram a colegas, proporcionando a reflexão dos atos tomados e a introdução do assunto para o segundo momento da oficina. Além disso, para a valorização do trabalho, os cartazes foram expostos na escola para que o conteúdo pudesse ser visualizado por outras turmas.

A primeira oficina e dinâmica proporcionaram a aproximação com a turma e a criação de vínculo entre monitores, o projeto e a escola, o que foi importante para o desenvolvimento das demais atividades.

O segundo momento da oficina buscou trazer aos estudantes quais os encaminhamentos realizados pela escola em casos de agressão verbais, físicas ou qualquer forma de *bullying* dentro do ambiente escolar ou em seus arredores. Inicialmente, foi necessário conversar com a pedagoga e direção da escola para entender quais as medidas tomadas nestes casos, quais são os embasamentos utilizados e os possíveis encaminhamentos.

Dessa forma, em casos de *bullying*, a escola é responsável pela ação imediata atuando juntamente com pais na resolução do problema. As penalidades podem variar, desde uma advertência verbal, a uma reunião com os pais e responsáveis até a suspensão dos alunos. Caso as ações se repitam a escola encaminha alunos e pais para o conselho tutelar.

O Conselho Tutelar é um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade para zelar pelo cumprimento dos direitos das crianças e do adolescente, definidos no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990).

É importante ressaltar que neste momento da oficina muitos alunos colocaram algumas experiências que vivenciaram com esse órgão público e as medidas educativas a que estes e seus pais foram submetidos. Foi possível observar que para alguns essa experiência estava muito próxima e havia se repetido algumas vezes, enquanto do outro lado da sala, os demais colegas ficavam boquiabertos com a situação vivenciada pelos colegas, demonstrando a diversidade entre a realidade dos alunos dentro de um espaço pequeno, como a sala de aula.

Além disso, quando estes alunos eram interrogados sobre as causas que os levaram a essas medidas, muitos ressaltaram brigas e discussões na escola repetidas vezes, que não tiveram sucesso na resolução no ambiente escolar e foram encaminhados ao Conselho Tutelar.

Posteriormente foram expostos aos alunos os encaminhamentos que o Conselho Tutelar realiza ao Ministério Público e as medidas socioeducativas que estes estão sujeitos.

Durante a exposição das medidas socioeducativas, as ressaltadas pelos alunos foram o termo de advertência, a obrigação de reparar o dano e a prestação de serviço à comunidade.

A advertência é reconhecida em termos e assinada pelo adolescente e pelo responsável, como primeira “penalidade”, busca evitar que o ato se repita e as outras medidas sejam tomadas. A segunda, diz respeito ao ressarcimento pelos pais e adolescentes do que foi estragado, perdido ou roubado, promovendo o ressarcimento do dano ou algo que compense o prejuízo da vítima (BRASIL, 1990). Como experiências citadas pelas crianças foram: celulares e aparelhos eletrônicos.

E, por último, e citada apenas por uma criança, a prestação de serviços a comunidade, que consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente de seis meses, junto a hospitais, escolas ou em programas do governo (BRASIL, 1990).

Após a exposição dessas medidas, foi utilizado a dinâmica de balões que buscou enfatizar as características particulares de cada um, o respeito as mesmas, a autoestima e a valorização do outro e de si mesmo.

A dinâmica consistiu em pedir aos alunos que escrevessem três características que acreditavam que os definiam e colocá-las dentro de uma bexiga, soltando-as em sala conforme a música. Após emaranhar as bexigas pela sala de aula, cada aluno permaneceu com uma bexiga e estourando esta, leu em voz alta as características, tentando, com ajuda da turma, adivinhar a pessoa que condiz com as definições.

É interessante ressaltar que alguns alunos não permitiram que as bexigas fossem misturadas com as demais, demonstrando timidez e falta de confiança. Por outro lado, no momento de adivinhar a quem pertenciam as características mencionadas, todos desejavam participar. As características mais comuns diziam respeito a times de futebol, sendo mais facilmente detectadas pelos colegas, do que cor dos olhos, cabelo, ou objetos particulares.

Ao final da atividade, foi possível concretizar os objetivos, introduzir aos alunos a questão de valorização de si, do que este gosta e do aprender a gostar de si, e especialmente respeitar o outro como este é. Além disso, posteriormente foi observado que a atividade proporcionou a criação de vínculos maiores e respeito entre os colegas de turma.

Após a execução das atividades educativas foi solicitado aos alunos que avaliassem a atividade, dentro do entendimento que estes tiveram da temática.

Considerações Finais

As oficinas realizadas no ano de 2011 com os alunos das oitavas séries alcançaram seus objetivos, apesar o empecilho dos faltosos no primeiro momento, os alunos que participaram das atividades foram avaliados e atingiram resultados positivos.

Acredita-se que as práticas educativas conseguiram estimular, de forma direta e simples, a melhoria das relações interpessoais entre os sujeitos participantes, além de potencializar o desenvolvimento sociomoral dos alunos, permitindo que os mesmos conheçam as consequências emocionais que a forma de se relacionar com o seu próximo pode evidenciar. Também conseguiram valorizar a motivação pessoal a fim de que os alunos percebam sua importância para o grupo e desenvolver a reflexão e o pensamento crítico, oferecendo tempo e respeito às ideias dos estudantes e estimulando a atitude de tomar decisões refletidas, pois tiveram um espaço para exporem seus pensamentos e sentimentos.

REFERÊNCIAS

- DAVID, R. ; ALEXANDRE, L. B. S. P. **Vacinas**: Orientações práticas. 3 ed. São Paulo: Martinari, 2011.
- BONELLI, C. M. C. **Meio ambiente, poluição e reciclagem**. 2. ed., Blucher: São Paulo, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de educação em saúde visando à promoção da saúde**. Brasília: Funasa, 2007.
- BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. **Casa Civil**. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília.
- COMENIUS, J. A. **Didática Magna**. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HEIDMANN, I. T. S. B.; ALMEIDA, M. C. P.; BOEHS, A. E.; *et al.* Promoção à saúde: trajetória histórica de suas concepções. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 352-8, abr-jun. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n2/a20v15n2.pdf>>. Acesso em 02 de maio de 2013.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MELO, M. F. A. Q. *et al.* Sucata vira brinquedo: tradução a partir de restos. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, Ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822007000200015&lng=en&nrm=i-so>. Acesso em 11 de setembro de 2012.
- MELLO, E. D.; LUFT, V. C.; MEYER, F. Obesidade infantil: como podemos ser eficazes?. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 80, n. 3, p. 173-182, out-jan, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n3/v80n3a04.pdf>>. Acesso em 02 de maio de 2013.
- PERGOLA, A. M; ARAUJO, I. E. M. **O Leigo em Situação de Emergência**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, vol.42, n.4, Dez, 2008.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO ENSINO INTEGRADO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ

*Amanda Araldi
Ana Paula Dias
Érica Rosa Da Silva Zanini
Franciele Foschiera Camboin
Jaqueline Nunes Fernandes
Juliana Nunes Fernandes
Katiane Mazetto Zini
Linamari Ferreira
Rosa Maria Rodrigues*

Introdução

A adolescência é um período assustador do desenvolvimento do ser humano, pois a criança deve passar por grandes modificações até que se torne adulto. Nessa fase o indivíduo passa a ter mais independência, para Souza *et al.* (2011, p. 59), “essa situação pode ser preocupante pelo fato de que os adolescentes passam a se expor mais a comportamentos de risco como etilismo, tabagismo, sedentarismo e alimentação inadequada.”

Os parâmetros curriculares nacionais (1998), afirmam o papel fundamental da educação no desenvolvimento da sociedade, como forma de construir cidadãos que compreendam a realidade social e sejam preparados para o mundo do trabalho.

Sendo a escola a principal instituição voltada para formação de cidadãos é seu papel desenvolver ações de educação em saúde, uma vez que as crianças e os adolescentes são o público mais vulnerável (BRASIL, 1998).

O conceito de vulnerabilidade remete a ideia de fragilidade e de dependência, que se vincula à situação de crianças e adolescentes. Pode-se dizer que, ser vulnerável não é o mesmo que ser incapaz, mas ter por direito a condição de superar os fatores de risco que podem afetar o seu bem-estar. Quando se pensa em vulnerabilidade de crianças e adolescentes é importante percebê-los como seres que precisam ser urgentemente atendidos. Esta condição lança à família, à sociedade e ao Estado a responsabilidade para com sua formação (SIERRA; MESQUITA 2006).

As forças negativas do ambiente social podem explorar a vulnerabilidade do jovem ameaçando-o com o acesso às drogas, violência ou sexo sem segurança. A exploração é inevitável no desenvolvimento humano, e cabe ao jovem tomar a decisão certa. Neste caso, pais e professores podem exercer o papel de administradores e

consultores na vida dos jovens, estabelecendo um laço de confiança em que, através de seus conselhos, os objetivos possam ser atingidos (TORRES; BOCHNIAK, 2003).

Cabe lembrar que a partir das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais o objetivo principal da educação é a cidadania, sendo assim as escolas devem compreender em suas matrizes curriculares não apenas os conteúdos tradicionais como a finalidade única da educação, mas incorporar os conteúdos transversais, perpassado por temas vinculados ao cotidiano do indivíduo (BRASIL, 1998).

Neste sentido, foram abordados temas da área da saúde em oficinas realizadas no ensino médio de nível técnico na modalidade integrado. Estes assuntos estão inseridos nos temas transversais indicados pelo Ministério da Educação e incluídos no PCN, visto que, foram incorporados dentro da necessidade da sociedade brasileira. Atualmente, são visualizados como questões importantes que estão presentes de várias formas na vida cotidiana.

As oficinas, alternativa eleita para o desenvolvimento das atividades com o público-alvo, “apresentam-se como instrumentos eficazes de prevenção e de promoção à saúde” (JEOLÁ; FERRARI, 2003, p. 611). Nelas há a participação dos sujeitos envolvidos e dos coordenadores, estes responsáveis por ministrar a oficina. Através das oficinas é possível que a equipe interaja com os participantes que podem então expor suas dúvidas e experiências, abrindo assim um debate de vivências organizado e facilitado pelos coordenadores. Caracteriza-se portanto, por uma estratégia pedagógica sustentada na participação ativa dos sujeitos.

O que define uma oficina é sua proposta de aprendizagem compartilhada, por meio de atividade grupal, face a face, com o objetivo de construir coletivamente o conhecimento. Os exercícios e os temas trabalhados estimulam questionamentos [...]. (JEOLÁ; FERRARI, 2003, p. 612-613).

As oficinas não tinham apenas como objetivo a transmissão de conhecimento sobre os temas que eram abordados, carregavam também a intencionalidade de criar uma maneira facilitadora dos alunos exporem suas dúvidas, angústias e críticas.

Assim, o desenvolvimento deste estudo se justifica ao relatar práticas de educação em saúde realizadas por acadêmicos do curso de enfermagem tendo como público alvo alunos do ensino médio profissionalizante na modalidade integrado em uma escola pública da região Oeste do Paraná, uma vez que além do papel de educador e cuidador, é de responsabilidade do enfermeiro contribuir na promoção de saúde por meio de ações educativas.

Objetivos

Expor as atividades educativas realizadas em forma de oficinas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), abordando temas da área da saúde.

Metodologia

As oficinas foram realizadas no ambiente escolar, pelas acadêmicas do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), que participam do PIBID, juntamente com os alunos do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (CEEP), escola parceira do PIBID e os docentes dessa instituição.

Os temas sugeridos pela equipe pedagógica do CEEP juntamente com os acadêmicos participantes do PIBID foram: sexualidade e prevenção da gravidez na adolescência, *bullying*, o uso e abuso de álcool e drogas, alimentação saudável e obesidade.

As atividades foram desenvolvidas durante as aulas do ensino regular no segundo semestre do ano letivo de 2012, com alunos do ensino técnico na modalidade integrado, que frequentam o período vespertino, sendo que os cursos selecionados para a prática educativa foram: técnico em administração, técnico em informática, técnico em meio ambiente e técnico em eletrônica de acordo com a indicação da escola.

As oficinas ocorreram de forma expositiva, dialogada, com o auxílio de projetor multimídia, quadro negro, folders, ilustrações, cartazes e vídeos. Vale ressaltar que os discentes que participaram das oficinas foram divididos em grupos, o que facilitou a elaboração das atividades propostas e dos materiais didáticos. A carga horária foi de 4 horas/aula por oficina.

Resultados

Para realização das oficinas com os alunos do ensino técnico integrado as alunas trabalharam com diferentes turmas e o número de alunos em cada uma delas era diversificado. O total de alunos de cada turma variou entre dez e quarenta alunos. As práticas aconteceram no período vespertino no horário de aula regular, utilizando o tempo de diversas disciplinas, iniciando as intervenções educativas com o tema sexualidade.

Esta temática foi abordada em vários aspectos, primeiramente foi exposto o que é a sexualidade, inserindo na discussão o conceito de adolescência. Após isso foram introduzidas as alterações que ocorrem nos adolescentes tanto no contexto fisiológico como psicológico.

Foi exibida em forma de *slides* a anatomia genital interna e externa de ambos os sexos e explicado sucintamente sobre a fisiologia dos mesmos, posteriormente expôs-se a prevenção de gravidez precoce abrangendo todos os métodos anticoncepcionais e também as doenças sexualmente transmissíveis que ocorrem sem a utilização do método de barreira.

Foi utilizado métodos para facilitar a assimilação do conteúdo, dentre eles a elaboração de um desenho da anatomia genital feminina e masculina, pelo qual os alunos descreveram os nomes e qual a função principal de cada estrutura, também

escreveram os métodos anticoncepcionais e, posteriormente colocaram suas dúvidas em um pedaço de papel, os quais foram lidos e as dúvidas foram sanadas.

O tema sexualidade e prevenção da gravidez despertam facilmente o interesse dos adolescentes e quando tratados de um ponto de vista científico, sociológico, psicológico as dificuldades em manter a atenção fica diminuída. Os alunos foram divididos em grupos para realização de dinâmica, todos realizaram a atividade avaliativa de elaboração de desenhos anatômicos, descrição de métodos anticoncepcionais e, posteriormente foi fornecido um tempo para esclarecimento de dúvidas, os adolescentes foram interativos e demonstraram interesse no assunto proposto, também se visualizou que eles possuíam conhecimento básico sobre o tema.

Quanto ao tema drogas inicialmente foi trabalhado com a conceituação da palavra droga, bem como as suas classificações de acordo com a ação que exercem sobre o sistema nervoso central, podendo ser depressoras, estimulantes, perturbadoras ou, ainda, combinar mais de um efeito.

O conteúdo foi abordado por meio de exposição verbal. Foram abordados os variados tipos de drogas, priorizando as mais utilizadas como: cigarro, álcool, maconha, cocaína, ecstasy e crack. Enfatizaram-se os efeitos que cada substância ocasiona no organismo, quais as reações esperadas e os efeitos nocivos a saúde e a convivência social do usuário de drogas.

Sobre o uso de drogas inseriu-se na abordagem a dependência psíquica que, segundo Torres e Bochniak (2003), faz com que o usuário sinta desejo de usar a droga para obter prazer, sentir bem-estar, aliviar um provável desconforto e assim pela supressão não haverá a síndrome de abstinência.

Além da dependência psíquica foi abordado também sobre a dependência física, sobre os danos que proporcionam ao organismo podendo ocorrer sutis anomalias sobre os mesmos. Ressaltou-se sobre o uso prolongado dessas substâncias, que faz com que o organismo necessite delas, pois desenvolvem a tolerância, e assim faz com que o usuário se sinta um prisioneiro da droga (TORRES; BOCHNIAK, 2003).

A oficina ocorreu de forma expositiva com auxílio do aparelho multimídia, também houve apresentação de um vídeo “Drogas uma viagem sem volta”. Utilizou-se uma dinâmica grupal para estimular a reflexão sobre os motivos que levam uma pessoa a utilizar drogas, em que os estudantes se dividiam em grupos de três alunos e em uma folha de caderno escreviam um motivo que poderia levar ao uso de drogas, essas folhas foram anexadas ao quadro de aula, posteriormente foi discutido cada motivo e as alternativas que poderiam ser utilizadas para substituir o uso de drogas.

O consumo de álcool e drogas é um tema que tem ganhado destaque e repercussão nos dias atuais, frente a isso os alunos demonstraram interesse, haja visto que vários estudantes fizeram comentários devido a convivência com pessoas bem próximas que são usuárias de drogas, por isso grande parte deles conhecem o drama encarado pelo próprio usuário bem como a família e sociedade; ao assistirem o vídeo exposto, alguns reagiram de forma emotiva; as imagens também os fizeram refletir nas consequências do uso dessas substâncias.

Surgiram muitas perguntas e questionamentos os quais comprovam o interesse dos mesmos sobre o tema, em geral todas as turmas foram colaborativas não havendo dificuldades.

O terceiro tema abordado foi o *bullying*, considerado outro problema que a cada ano está agravando-se no âmbito escolar. Para Schultz *et al.* (2012, p. 248), “a palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *bully*, que significa usar a superioridade física para intimidar alguém.” O *bullying* é uma forma de violência e o agressor pode cometê-lo de diversas maneiras, repetindo seus atos frequentemente sobre um indivíduo ou grupo de indivíduos.

Nas oficinas sobre *bullying* utilizou-se o aparelho multimídia para expor o conteúdo teórico e imagens, ilustrando algumas formas e consequências dessa violência. Durante as explicações, muitos alunos interromperam para dar exemplos que vivenciaram, mas não tinham condições de identificar se caracterizava como *bullying* o que estavam praticando ou sofrendo. Em certos momentos as perguntas foram formando uma espécie de rede, pois uma desencadeava outra e as respostas que surgiam faziam com que novas perguntas fossem elaboradas instantaneamente, permitindo uma maior interação entre todos que estavam na sala de aula.

Com a finalização da exposição teórica algumas perguntas elaboradas pelas acadêmicas em papel sulfite foram sorteadas entre os alunos. Os sorteados leram em voz alta e respondiam para toda a turma o que pensavam sobre a questão. As questões não foram desenvolvidas com o intuito de constranger o aluno, mas sim permitir que uma nova roda de discussões fosse iniciada.

Após todas as perguntas serem respondidas e discutidas, a turma foi dividida em grupos de cinco a seis alunos e todos receberam a tarefa de elaborar um breve teatro sobre o *bullying*.

Os alunos utilizaram os próprios materiais e recursos físicos da sala de aula para a apresentação que se estendeu por alguns minutos em cada grupo. A prática do teatro improvisado permitiu que os alunos interagissem uns com os outros. Por se apresentarem para os próprios colegas e pelo fato das apresentações estarem sendo filmadas, as turmas passaram pelo estado de tensão até chegar à descontração, isso permitiu avaliar a metodologia usada, bem como saber se houve compreensão dos adolescentes sobre o conteúdo que lhes foi apresentado.

As oficinas sobre *bullying* foram de certa maneira surpreendentes e despertaram um olhar mais atencioso para esse problema tão grave que traz inúmeras consequências à criança e ao adolescente. O profissional de saúde e a escola devem trabalhar em conjunto para acabar com essa prática que muitas vezes é camuflada pelas pessoas que deveriam ajudar e se responsabilizar.

[...] a escola precisa se transformar, adaptar-se à realidade e às demandas culturais atuais e atuar no sentido de prevenir e controlar o bullying, assim como outros comportamentos interativos inadequados e prejudiciais ao desenvolvimento, e não funcionar como um agente mantenedor do sofrimento psicológico dos envolvidos nessas situações. (BANDEIRA; HUNTZ. 2010 p. 137).

A maioria dos alunos relatou já ter sofrido algum tipo de *bullying* durante sua vida, alguns ainda relatavam que muitos colegas ainda realizavam *bullying*. Deram depoimentos de como era ter apelidos ou nomes que os colegas lhe colocavam. Nota-se que muitos levaram na brincadeira, não reconhecendo o possível dano que poderia causar na vida adulta do colega. Também foi abordado que a exposição ao *bullying* na infância que podem desencadear na vida adulta comportamentos agressivos ou estados depressivos, os quais podem ter como fonte esta forma de agressão.

O próximo tema abordado foi alimentação saudável que segundo Torres; Bochniak (2003) é uma das maiores preocupações de pais e responsáveis por crianças de todas as faixas etárias. Por isso, viu-se a necessidade de trabalhar o tema na escola.

Para as oficinas sobre alimentação saudável, assim como as demais, utilizou-se o aparelho projetor multimídia para expor *slides* com conteúdo teórico e imagens. Todo o conteúdo foi exposto com pausas significativas para que os alunos pudessem fazer perguntas tirando assim suas dúvidas sobre o que estava sendo discutido em sala. Foram utilizados exemplos que fazem parte desta fase da vida para explicitar a importância da alimentação saudável.

O adolescente dispersa sua atenção com muita facilidade, então como forma de fixação do conteúdo e na avaliação da turma, os alunos deveriam confeccionar a pirâmide alimentar com placas de isopor, folhas de E.V.A., figuras coloridas impressas e alfinetes foram levados à sala de aula para que os alunos confeccionassem a pirâmide alimentar.

Uma maneira de ilustrar a alimentação adequada é a utilização da pirâmide alimentar. A base da pirâmide é formada pelos carboidratos complexos os quais incluem tubérculos, cereais, raízes e pães integrais. Acima deles estão as verduras, legumes e frutas, ricos em fibras, vitaminas e minerais. Próximo ao topo, encontram-se os ovos, carnes, feijões, leite e derivados, considerados fontes de proteínas e cálcio. Por fim, no topo da pirâmide alimentar estão os doces, açúcares, óleos e gorduras os quais fornecem grande quantidade de energia ao organismo e auxiliam na absorção de vitaminas, porém devem ser consumidos em menor quantidade (PHILIPPI, 2008).

As turmas foram divididas em grupos e os integrantes de cada grupo discutiram e decidiram como montariam a sua pirâmide. Ao final da aula, todos os grupos apresentaram as pirâmides alimentares que elaboraram e então, os erros foram corrigidos no momento em que era retomada a explicação do conteúdo que havia apresentado maior incidência de erro.

Em outra turma do ensino médio de nível técnico na modalidade integrado, ao início da oficina de alimentação solicitou-se aos alunos escreverem em seus cadernos tudo que comeram no dia anterior a oficina. Com isso, observou-se que, há dificuldade em lembrar o que comeram, o que pode sugerir desatenção na quantidade e nos tipos de alimentos que estão ingerindo. Os alunos puderam fazer uma análise crítica após a exposição do conteúdo dos seus hábitos alimentares. Por meio da prática educativa, avalia-se que eles puderam fazer uma reflexão acerca dos seus hábitos e

até mesmo de seus familiares, o que pode desencadear alguma mudança na forma de se relacionar com a ingestão de alimentos.

A formação de hábitos saudáveis e uma alimentação balanceada em crianças e adolescentes é mais fácil, pois eles levam estes benefícios para o resto da vida. É importante a família ter hábitos saudáveis, para o adolescente também desenvolver esta prática. Formar bons hábitos, preparar e oferecer uma dieta variada, incentivar atividades físicas é um trabalho diário (TORRES; BOCHNIAK, 2003).

Entretanto, os profissionais de saúde e professores precisam partir de uma concepção sobre o hábito alimentar, que supere a visão reducionista de que as crianças e suas famílias possuem hábitos alimentares exclusivamente por escolhas pessoais. A seleção de alimentos está diretamente relacionada com as possibilidades de acesso aos grupos alimentares determinado pela renda familiar. Portanto, pensar em alimentação saudável implica em inserir na discussão as condições de subsistência da população que define por exemplo o consumo de alimentos mais baratos e com maior valor energético imediato em detrimento dos carboidratos complexos e das frutas e verduras nem sempre acessíveis para o consumo da família dado a dificuldade de sua aquisição.

É de fundamental importância essa interação com os alunos, pode-se notar por meio do diálogo com os mesmos, como eles agem ou pensam sobre os temas que foram abordados. Ao longo das discussões muitos trocaram experiências de conhecidos ou familiares, e a experiência de cada um foi compartilhada entre todos aproximando e aumentando as possibilidades de convivência.

A oficina pedagógica foi escolhida como método de ensino por ser compreendida como uma metodologia de trabalho em grupo. Percebeu-se ao final da atividade que a utilização desse método mostrou-se adequado para o tratamento das temáticas eleitas como objeto de práticas educativas potencializando a possibilidade de sucesso no decorrer das atividades; os alunos participaram ativamente das oficinas e mostraram-se interessados por todos os temas abordados o que indica o alcance dos objetivos com a escolha daquele método pedagógico.

A dificuldade encontrada no andamento das oficinas foi relacionada a momentos de ausência dos professores em sala de aula. Em algumas das oficinas os professores responsáveis estavam em conselho de classe e as acadêmicas assumiram as turmas e contornar essa ausência foi trabalhoso.

Como mencionado anteriormente, algumas turmas tinham cerca de quarenta alunos. Portanto, a realidade da escola no ensino brasileiro caracterizada pelo número excessivo de alunos e, na particularidade desta experiência, agrega-se a temperatura da sala em que havia extremo calor, pouco espaço físico devido ao amontoado de carteiras e a pouca ventilação na sala de aula, fatores que prejudicaram o desenvolvimento de parte das oficinas. Houve, portanto, muita interrupção e com isso quem estava ministrando a oficina desconcentrava-se facilmente ao mesmo tempo em que o restante da turma dispersava a atenção.

Apesar dos obstáculos, o objetivo proposto pelas oficinas foi alcançado tendo em vista que ao final destas foram realizadas avaliações dos conteúdos expostos e discutidos e os resultados mostraram-se positivos.

Considerações

As questões de saúde, apesar de estarem presentes nas matrizes curriculares da educação fundamental são trabalhadas pelos professores com certo receio e/ou dificuldade, apontando um vácuo de abordagem que deve ser retomado nas escolas, pois problemas como gravidez na adolescência, uso e abuso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis são cada vez mais visualizados no cotidiano da escola.

Deste ponto de vista, a presença do licenciando em enfermagem no ambiente escolar possibilita a articulação da prática educativa na formação do enfermeiro, tornando possível a troca de competências e habilidades com os professores da educação fundamental nos assuntos ou temas relacionados a área da saúde que permeiam a formação do cidadão.

As atividades foram desenvolvidas visando a prevenção de agravos e promoção da saúde, além de fomentar de forma direta e simples a melhoria das relações interpessoais entre os sujeitos participantes, potencializar o desenvolvimento sócio moral dos alunos, permitindo que os mesmos conheçam as consequências emocionais que a forma de se relacionar com o seu próximo pode evidenciar; valorizar a autoestima e a motivação pessoal a fim de que os alunos percebam sua importância para o grupo, bem como desenvolver a reflexão e o pensamento crítico, oferecendo tempo e respeito às ideias dos estudantes, para que eles aprendam a pensar por si mesmos e tenham um espaço para exporem seus pensamentos e sentimentos.

Foram de fundamental importância as atividades desenvolvidas com os jovens e adolescentes, pois é nessa fase como citado anteriormente que fazem a interação com os colegas sobre sentimentos e medos, e começam a entender o que é a influência social, pois começam as exigências com a família e a vontade de ser independente começa a surgir.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, CM; HUTZ, CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Rev. Assoc. Bras. de Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 16, n. 1, 2012 .
- BRASIL. Ministério da saúde. **Alimentação do adolescente**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt_465569599.pdf>. Acesso em: 9 de abril de 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas**: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/SPE_Guia_Formacao.pdf>. Acesso em: 9 de abril de 2013.
- BRASIL. Núcleo de estudos da saúde do adolescente - NESA. **Drogadição**. 2003. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/multimedia/adolescente/drogas2.swf>>. Acesso em: 30 de março de 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental-Brasília:MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTE, M. B. P. T.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M.G. T. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2008.
- JEOLÁS, LS; FERRARI, RAP. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2003.
- PHILIPPI, SONIA TUCUNDUVA. **Pirâmide dos alimentos**: fundamentos básicos da nutrição / Pyramid of foods: basic fundamentals of nutrition. Barueri: Manole, 2008.
- SIERRA, VM; MESQUITA, WA. Vulnerabilidade e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.20, n.1, p.148-155, 2006.
- SCHULTZ, NCW; DUQUE, DF; SILVA, CF; SOUZA, CD; ASSINI, LC; CARNEIRO, MGM. A compreensão sistêmica do bullying. **Rev. Psicologia em estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, 2012.
- SOUZA, EA; FILHO, VCB; NOGUEIRA, JAD; JÚNIOR, MRA. Atividade física e alimentação saudável em escolares brasileiros: revisão de programas de intervenção. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 8, 2011.
- TAVARES, B. F.; BÉRIA, J. U.; LIMA, M. S. Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. **Rev. Saúde Pública**, Pelotas, v. 38, n. 6, p. 787-796, 2004.
- TORRES, P. L.; BOCHNIAK, R. **Uma leitura para os temas transversais**: ensino fundamental. Curitiba: SENAR, 2003.



SOBRE OS AUTORES

Franciele Foschiera Camboin

Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Professora do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus Cascavel/PR, coordenadora do subprojeto do PIBID no curso de enfermagem.

Rosa Maria Rodrigues

Enfermeira, Doutora em Educação, Professora do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus Cascavel/PR, coordenadora temporária do subprojeto do PIBID no curso de enfermagem.

Linamari Ferreira

Enfermeira, graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, pós-graduada em saúde coletiva pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG. Enfermeira do Núcleo de Controle de Infecção da Prefeitura Municipal de Cascavel. Supervisora do subprojeto de enfermagem da UNIOESTE 2011-2013. Professora do curso técnico em Enfermagem do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto.

Abenilde de Mello

Formada em Ciências e Matemática pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Jacarezinho e Biologia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Pós-graduada em Metodologia de Ciências pela Faculdade de Educação São Luiz. Professora da disciplina de Ciências do Colégio Estadual Marilis Faria Piretelli. Supervisora temporária do subprojeto do PIBID no curso de Enfermagem.

Edileuza Ferreira

Graduada em Biologia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Pós-graduada em Didática e Metodologia do Ensino pela Unopar. Professora da disciplina de Ciências do Colégio Estadual Marilis Faria Piretelli, supervisora temporária do subprojeto do PIBID no curso de Enfermagem.

Amanda Araldi

Ana Paula Dias

Andressa Larissa Dias Müller De Souza

Adriana Staziaki Kovaleski
Caroline Berté
Daniela Patrícia Tres
Érica Rosa Da Silva Zanini
Flávia Boaretto
Gabriela Seimetz
Jaqueline Nunes Fernandes
Juliana Nunes Fernandes
Katiane Mazetto Zini
Pecy Mary De Almeida Lopes

Acadêmicas do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Bolsistas do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Enfermagem 2011-2013.

Daisy Rodrigues
Giovana Guedes
Jolana Cristina Cavalheiri

Enfermeiras graduadas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Egressas do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Enfermagem 2011-2012.



SOBRE O LIVRO

Tiragem: 500

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 12 X 19 cm

Tipologia: Times New Roman 10,5/12/16/18

Arial 7,5/8/9

Papel: Offset 75g (miolo)

Royal Supremo 250 g (capa)